

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Programa de Pós-Graduação em Educação Física



Dissertação

MEMÓRIAS DAS DANÇAS DO MARABAIXO E DO BATUQUE:
cultura quilombola e corporeidade na comunidade do
Curiaú em Macapá-AP

Francisco Marlon da Silva Gomes

Pelotas/RS – outubro 2012

FRANCISCO MARLON DA SILVA GOMES

**MEMÓRIAS DAS DANÇAS DO MARABAIXO E DO BATUQUE:
CULTURA QUILOMBOLA E CORPOREIDADE NA COMUNIDADE
DO CURIAÚ EM MACAPÁ-AP**

Dissertação apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em
Educação Física da Universidade
Federal de Pelotas, como requisito
parcial à obtenção do título de Mestre
em Ciências. Área do conhecimento:
Educação Física.

Orientador: Dr. Márcio Xavier Bonorino Figueiredo

Pelotas, outubro 2012

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

G633m

Gomes, Francisco Marlon da Silva

Memórias das danças do Marabaixo e do Batuque: cultura quilombola e corporeidade na comunidade do Curiaú em Macapá – AP / Francisco Marlon da Silva Gomes; Márcio Xavier Bonorino Figueiredo orientador – Pelotas: UFPel: ESEF, 2012.

99f. : il.

Dissertação (Mestrado) Programa de Pós Graduação em Educação Física. Escola Superior de Educação Física. Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, 2012.

1. Quilombolas. 2. Cultura. 3. Corporeidade. I. Título. II. Figueiredo, Márcio Xavier Bonorino.

CDD 793.3

Dissertação (Mestrado) Programa de Pós Graduação em Educação Física. Escola Superior de Educação Física. Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, 2012

Catalogação na Fonte: Raquel Siegel Barcellos CRB 10/2037

Banca Examinadora

Dr. Márcio Xavier Bonorino Figueiredo
(Orientador)
Escola Superior de Educação Física (ESEF/UFPeI)
Faculdade de Educação (Fae/UFPeI)

Dra. Georgina Helena Lima Nunes
Faculdade de Educação (FaE/UFPeI)

Dra. Mariângela da Rosa Afonso
Escola Superior de Educação Física (ESEF/UFPeI)

Dra. Marta Nornberg
Faculdade de Educação (FaE/UFPeI)

Um dia uma criança chegou diante de um pensador
E perguntou-lhe: “Que tamanho tem o universo?”
Acariciando a cabeça, ele olhou para o infinito
E respondeu: “O universo tem o tamanho de seu mundo”
Perturbada, ela novamente indagou
“Que tamanho tem seu mundo?” O pensador respondeu:
“Tem o tamanho dos teus sonhos.”

Do Livro, **“Nunca desista dos seus sonhos” - Augusto Cury, 2004.**

Agradecimentos

Agradeço primeiramente ao meu grande mestre **JESUS**, por ter estado cada minuto ao meu lado, nas horas em que muitos diziam: “não”, e ele falava no meu coração “vá eu estou aqui”.

Agradeço ao meu grande professor, humilde, paciente, sempre se expressando com seus ditados populares, **Marcio Xavier**, chamado carinhosamente por muito de Marcinho, desde o primeiro encontro até o dia de hoje, este se apresentou uma excelente pessoa.

Aos meus pais seu **Francisco e Elisomar**, por ter me dado à oportunidade de estudar, tanto no ensino básico quanto no superior no interior de São Paulo, em Ribeirão Preto, longe de todos os meus familiares, que aos 20 anos, ainda novo, deixava meu lar para ir rumo ao desconhecido, mas com a educação que me deram, consegui sobreviver. Aproveito para pedir desculpa pelo tempo de ausência que tive longe de vocês.

Agradeço a minha esposa **Marceli Mello**, pela paciência, por ter acreditado em mim quando resolvi em apenas 3 meses que iríamos mudar de cidade, ela nem imaginava em que fria ela estava se metendo, uma fria mesmo de 32° máxima e 24° mínima de temperatura para 22°, 18° e foi baixando para 8° e até chegar 3°, que fria ela se meteu, em nossa cidade Macapá-AP a temperatura mínima no inverno chega no mínimo 22°.

E a minha querida filha e minha princesa **Mayara Gomes**, que passou por tudo que a mãe passou e nem um momento reclamou da situação. Tudo era novo, lindo e maravilhoso - Realmente, Pelotas-RS é tudo isso e muito mais.

Agradeço aos **meus irmãos**, pela força espiritual que me emanavam a cada conquista e por cuidar de meus pais quando eu não estava presente. Pela preocupação que sentiam não só por mim, mas também por minha família.

Agradeço aos grandes amigos que nessa grande cidade conheci: **Círio e família**, que confiaram nesse macapaense, sem nunca ter conhecido, alugou sua residência sem ser necessário comprovante nenhum (renda, fiador...). Ao amigo **Antônio** e sua esposa **Rosa**, que nos receberam maravilhosamente em sua residência e nos apresentaram o Tango argentino. **Tia Maurícia** e sua filha **Rita**, pela companhia em longas conversas.

Não me esqueci de você **Rita**, trabalhando com o professor Márcio Xavier, também contribuiu com sua experiência em nosso trabalho.

Agradeço a todos os meus **professores da ESEF** – UFPel, pelo aprendizado e ⁷
contribuição.

A todos vocês, agradeço de coração todo o esforço prestado por cada um para mim e minha família nesta grandiosa fase de minha vida. Meu muito **OBRIDADO!**

1. Apresentação.....	09
2. Projeto de pesquisa.....	10
3. Relatório de campo.....	35
4. Artigo: MEMÓRIAS DAS DANÇAS DO MARABAIXO E DO BATUQUE: cultura quilombola e corporeidade na comunidade do Curiaú em Macapá-AP	50
5. Anexos.....	91

Apresentação

A presente dissertação de mestrado, exigência para obtenção do título de mestre pelo curso de Mestrado em Educação Física, é composta pelos seguintes itens:

- 1) - Projeto de pesquisa (apresentado e defendido em dez/2011) com incorporações das sugestões dadas pelos revisores, Profa. Dra. Mariângela da Rosa Afonso (ESEF/UFPeI); Profa. Dra. Georgina Helena Lima Nunes (FaE/UFPeI); Profa. Dra. Marta Nornberg (FaE/UFPeI).
- 2) - Relatório de campo.
- 3) - Artigo intitulado: “**MEMÓRIAS DAS DANÇAS DO MARABAIXO E DO BATUQUE**: cultura quilombola e corporeidade na comunidade do Curiaú em Macapá-AP”, o qual servirá de base para os pareceres da banca. Após apreciação dos mesmos, será enviado para o periódico Cadernos de Educação FAE/UFPeI.
- 4) - Apresentação a Secretaria de Educação do Estado do Amapá, do livro “**Curiaú: Poemas, versos, fatos e fotos**”, realizado com os alunos da Escola Estadual José Bonifácio na comunidade do Quilombo do Curiaú.
- 5) - Anexos

2. PROJETO DE PESQUISA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Programa de Pós-Graduação em Educação Física



Projeto de Defesa

MEMÓRIAS DO MARABAIXO E DO BATUQUE: cultura quilombola e corporeidade na comunidade do Curiaú em Macapá-AP

FRANCISCO MARLON DA SILVA GOMES

Pelotas, setembro 2012

MEMÓRIAS DO MARABAIXO E DO BATUQUE: cultura quilombola e corporeidade na comunidade do Curiaú em Macapá-AP

Projeto apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção da Defesa do título de Mestre em Ciências (área de conhecimento: Educação Física).

Orientador: Dr. Márcio Xavier Bonorino Figueiredo

Pelotas, setembro 2012

Banca Examinadora

Dr. Márcio Xavier Bonorino Figueiredo

Faculdade de Educação (Fae/UFPeI)

Escola Superior de Educação Física (ESEF/UFPeI)

Orientador

Dra. Georgina Helena Lima Nunes

Faculdade de Educação (FaE/UFPeI)

Dra. Mariângela da Rosa Afonso

Escola Superior de Educação Física (ESEF/UFPeI)

Dra. Marta Nornberg

Faculdade de Educação (FaE/UFPeI)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Programa de Pós-Graduação em Educação Física



Projeto de Qualificação

**MEMÓRIAS DO MARABAIXO: cultura quilombola e corporeidade na
comunidade do Curiaú em Macapá**

FRANCISCO MARLON DA SILVA GOMES

Pelotas
2011

MEMÓRIAS DAS DANÇAS DO MARABAIXO: cultura quilombola e corporeidade na comunidade do Curiaú em Macapá-AP

Projeto apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção da Qualificação do título de Mestre em Ciências (área de conhecimento: Educação Física).

Orientador: Márcio Xavier Bonorino Figueiredo

Pelotas
2011

Banca Examinadora

Dr. Márcio Xavier Bonorino Figueiredo

Faculdade de Educação (Fae/UFPeI)

Escola Superior de Educação Física (ESEF/UFPeI)

Orientador

Dra. Georgina Helena Lima Nunes

Faculdade de Educação (FaE/UFPeI)

Dra. Mariângela da Rosa Afonso

Escola Superior de Educação Física (ESEF/UFPeI)

Dra. Marta Nornberg

Faculdade de Educação (FaE/UFPeI)

INTRODUÇÃO.....	18
1 – O CONTEXTO DA PESQUISA... ..	23
1.1 – A comunidade do Curiaú: As singularidades... ..	23
2. DANÇA DO MARABAIXO: memórias e corporeidade (em construção).....	26
2.1. Dança do Marabaixo: perspectivas educacionais e diversidade cultural.....	26
3 – METODOLOGIA: Construindo os caminhos.....	28
4 - ORÇAMENTO DA PESQUISA.....	29
4.1 - Despesas com materiais.....	30
4.2 - Despesas pessoais.....	30
4.3 – Valor das despesas.....	31
5 – CRONOGRAMAS.....	31
5.1 – Pesquisa em 2011.....	31
5.2 – Pesquisa em 2012.....	32
6 – REFERÊNCIAS.....	33

INTRODUÇÃO

Este trabalho se insere no âmbito da pesquisa qualitativa e está intimamente ligado à minha trajetória na figura de cidadão brasileiro do norte, mais precisamente de Macapá-AP, onde estão enraizadas minhas origens e preocupações com a formação humana. Nesse lugar chamado história é que estou plantado e imerso, mas intenciono me afastar, para teoricamente poder compreender e contribuir com as práticas educativas advindas desse contexto, no qual sou ao mesmo tempo construto e construtor de modos de ser, tão peculiares e caros à esquecida realidade diversos e por vezes, adversa, nos jeitos de ser brasileiros.

Demarcar academicamente o lugar ao qual pertencço me fortalece e me abastece, para por em prática educações na diversidade, não apenas narrada, mas vivida, experimentada, enfim, tomada como parte de minha história de vida. Assim, este trabalho também sou eu, com minhas histórias de infância, juventude e adultez e com os olhares que trago, impregnados de vida, para **poder pensar a dança sob o prisma da cultura e suas interfaces com a educação, com as memórias e com a cultura corporal.**

A pesquisa será realizada na comunidade do Quilombo do Curiaú em Macapá, capital do Amapá. *O objetivo primordial é compreender qual o significado da dança do “Marabaixo e do Batuque” na memória dos moradores dessa Comunidade.* O meu interesse nessa investigação surgiu durante um ensaio fotográfico dos hábitos culturais¹ dessa comunidade. Ao coordenar em 2009 o projeto de Esporte denominado Atleta do Futuro, desenvolvido pelo Serviço Social da Indústria – SESI, com a participação de 150 alunos da comunidade, me aproximei sensivelmente desse lugar. Fui seduzido pela dança do Marabaixo e observei as potencialidades representadas pelo acervo histórico-oral-expressivo presente nesta cultura. Fiquei me indagando, na função de educador, com formação em educação física, o que a preservação desses aspectos culturais poderia contribuir na formação dos jovens da escola pública. Pensei que o Marabaixo está fora da escola regular, mas poderia ou deveria fazer parte da escolarização dessas crianças, como conteúdo de vida.

¹ Produção da farinha de mandioca, desde colheita, ralação da mandioca, à extração do tucupi, o assamento da farinha e o ritual do festejo realizado no período de agosto em celebração a São Joaquim.

Tomo como contribuição o debate de Moscovici (2005) para o qual compreender consiste em processar informações. Neste sentido é que se procura entender a representação social que a dança proporciona na vida dessas pessoas descendentes de negros. Para uma melhor compreensão da dança como manifestação artística religiosa e cultural, faz-se necessário alguns questionamentos sobre o Marabaixo e o Batuque: Que sentido tem a dança para essa comunidade? Em que situações eles e elas dançam? Com quem aprenderam a dançar? Existe uma idade para aprender a dançar? O que representa a dança na e para comunidade principalmente os guardados nas memórias dos velhos? Que valores estão imbuídos na dança dessa comunidade? São questionamentos como esses que me motivaram a fazer esta investigação que envolve a cultura da dança quilombola da Comunidade do Curiaú no Estado do Amapá.

Este trabalho justifica-se pela pouca produção acadêmica existente que discuta a dança como cultura, envolvendo o conhecimento e a participação dos adultos e em específico, remanescentes quilombolas em Macapá em relação á cultura corporal.

Queremos saber como ocorre à construção da identidade dos dançantes nessa comunidade, nos festejos que ocorrem nas manifestações culturais religiosas, nas apresentações artísticas com os antigos moradores.

Pensando na temática das memórias Bosi (2003, p. 15) salienta que:

A memória dos velhos pode ser trabalhada como um mediador entre a nossa geração e as testemunhas do passado. Ela é o intermediário informal da cultura, visto que existem mediadores formalizados constituídas pelas instituições e que existe a transmissão de valores de conteúdos, de atitudes, enfim, os constituintes da cultura.

Utilizarei nesta pesquisa, entrevistas com crianças, jovens e pessoas velhas que detenham conhecimentos da dança na comunidade do Curiaú. Será utilizada entrevista pautada na perspectiva da história Oral. Alberti, (2004), afirma que através das metodologias propostas pela história oral acessamos informações que não encontramos em documento de outra natureza: acontecimentos poucos esclarecidos ou nunca apresentados, experiências pessoais, impressões particulares etc. Nos dias atuais, em que é mais fácil dar-se um telefonema, passar um e-mail, ou viajar rapidamente de um lugar para o outro, muitas informações são trocadas prescindindo da forma escrita, informações que podem ser resgatadas durante uma entrevista de história oral e confrontadas com outros documentos escritos e/ou orais.

Embora inexperiente nas pesquisas utilizando das imagens, pretendo filmar e fotografar a experiência do Marabaixo e do Batuque, para melhor poder captar as representações e as significações dessas culturas.

Essas informações após coletadas e analisadas, serão apresentadas á comunidade. Posteriormente, o trabalho passará á forma de artigos e produção de material didático, a ser entregue à Secretaria de Estado e Educação do Amapá, para reprodução e distribuição nas escolas públicas e privadas, servindo de material pedagógico.

No caminho da pesquisa estabeleci na figura dos objetivos específicos os seguintes: **a) compreender qual o significado da dança do “Marabaixo e do Batuque” na memória dos moradores velhos da Comunidade do Quilombo do Curiaú; b) investigar que valores, sociais, culturais são atribuídos à dança do “Marabaixo e do Batuque” nas memórias de crianças, jovens e velhos da Comunidade quilombola do Curiaú.**

Fui influenciado pelas decisões políticas, oriundas das lutas pelo reconhecimento da cultura afrodescendente na educação brasileira. Em 9 de janeiro de 2003, o Presidente da Republica sancionou a Lei Federal nº 10.639/2003, com ela instituindo a obrigatoriedade do ensino de História da África e da Cultura Afro-Brasileira. No ano de 2004, o Conselho Nacional de Educação aprovou o parecer que propõe as Diretrizes Curriculares para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Africanas e Afro-Brasileiras, diretrizes emitidas em complementação aos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), após muitos estudos e seminários a respeito. De acordo com Souza (2008), entre as medidas legais que vêm sendo adotadas está à obrigatoriedade de tratar a cultura afro-brasileira e da história da África nas escolas.

Ferreira (2006), afirma que desde 1998, através dos PCN, foi feita a inserção da questão étnica dentro da temática da pluralidade cultural e também foi incluída a Lei Federal nº 10.639/2003, que insere no currículo escolar, o conteúdo de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, a serem ministradas em todas as disciplinas do currículo escolar e, em especial nas disciplinas de Educação Artística, Literatura e História. Esse conjunto de leis criou novas oportunidades e a obrigatoriedade dos professores trabalharem como conteúdo escolar a origem de sua Comunidade.

Descendentes de escravos negros, os quilombolas sobrevivem muitas das vezes nas antigas fazendas deixadas por outros proprietários. Apesar de existirem desde

a escravidão, no fim do século XIX, sua visibilidade social é recente, fruto de luta pela terra, da qual, na maioria das vezes, não possuem escritura, mas tiveram seus direitos garantidos com a Constituição de 1988. Vive geralmente com trabalhos relacionados com a agricultura, artesanato, extrativismo e pesca, (Diegues & Arruda, 2001). E essas atividades variam de acordo com as regiões em que estão situados.

Em 1749, se estabeleceu no Amapá o primeiro grupo de negros, formados por fugitivos do estado do Pará, no qual fundaram um quilombo as margens do rio Anauerapucú no município de Mazagão no estado do Amapá. Ocasionalmente foram descobertos por caçadores de índios e para evitar outros encontros deixaram o local e foram mais para o norte do estado (Santos, 1998). Com medo de serem capturados pelos caçadores, os negros buscavam outros abrigos onde podiam caçar pescar e ter um lugar onde pudessem viver tranquilamente.

Em 1771, Com a criação da Vila de Mazagão, as 136 famílias que ali se estabeleceram, trouxeram 103 escravos, mas o maior contingente chegou quando da construção da Fortaleza de São José, com início em 1764 e concluída em 1782 (Santos 1998). Ainda Santos, acusa que os registros de 1788 constam 750 escravos, muitos remanescentes dos trabalhos do forte de Macapá, e que, nos dezoito anos da construção, 29 escravos não agüentaram os excessos de trabalho e a brutalidade dos construtores militar e por doenças como: sarampo e a malária. Muitos desses negros escravos, inconformados com os maus tratos, rebelavam-se e fugiam formando os quilombos de Maruanum, Igarapé do lago, Ambé, Cunani e em destaque, o Curiaú (Santos, 1998). Essa comunidade quilombola faz parte da formação cultural, econômica e política do Amapá.

Na educação, a transmissão de conhecimento hoje não se restringe a quatro paredes. Ao contrário, muitas vezes as escolas estão buscando informações mais recentes e de fácil, rápido e direto acesso nas redes de comunicações como a internet. Mas além, não podemos nos esquecer de que as exigências da sociedade tecnológicas, em permanente transformação, obrigam a um novo posicionamento do sentido do que é educação, formação, ensino e aprendizagem (Kenski, 1996, p.2). Isso não é o fim da escola que por vários anos menosprezou o corpo, a arte e a dança.

Com a ajuda dos PCN, definiram-se os objetivos da dança, que estão organizados em três pilares: 1º) a dança na expressão e na comunicação humana; 2º) a dança como manifestação coletiva; e em 3º) a dança como produto cultural e apreciação estética (GARCIA E HASS, 2003).

Por tanto, ao conhecer a história da comunidade o professor de educação física terá a oportunidade de contribuir na educação, ensinando as danças praticadas pelos quilombolas, e mais, estará apresentando e reforçando para o educando a cultura desse povo.

É através da dança, seja ela praticada na escola ou na comunidade, são desenvolvidas ações que estimulam e possibilitam a expressão corporal, o autoconhecimento e o conhecimento das outras pessoas, a disciplina, o espírito de grupo, as trocas culturais, de forma a construir uma nova ordem sócio-cultural, em que as crianças e adolescentes atendidas sejam respeitadas no seu processo de desenvolvimento. As atividades como dança melhoram as compreensões e desempenhos relacionados à gestualidade de seus praticantes.

Penso que seja o momento da escola se aproximar e aprender educação com as comunidades quilombolas e a partir delas. Por que menosprezar na escola, aquilo que é vivido com tanta intensidade na comunidade? A escola pode ser lugar para aprender a dança com qualidade, profundidade, compromisso, amplitude e responsabilidade. Com os conhecimentos da dança de forma a serem trabalhados na educação física, a escola é hoje, sem dúvida, um lugar privilegiado para que isso aconteça.

1 – O CONTEXTO DA PESQUISA

1.1 - A COMUNIDADE DO CURIAÚ: As singularidades

Estes africanos, apesar das adversidades do cativo, fizeram da música e dança uma maneira eficiente de lembrar-se de si como ser humano, uma manifestação estetizada de sua identidade. Sua música, repleta de imagens e sentidos de um passado distante, mistificado, seria reelaborada a partir das referências locais, advindas, sobretudo, do catolicismo popular. O Marabaixo e o Batuque, expressão maior deste encontro, reúnem os aspectos lúdicos, religiosos e transgressores que transpõem os limites entre o lícito e o não lícito, entre o sagrado e o profano.

São muitos os significados atribuídos ao termo Marabaixo. Uma das versões (QUINTELA, 1992, p. 09), repleta de romantismo, diz que o ritmo da batida dos remos nas caravelas que levavam os negros mar-a-baixo, da mãe África ao Brasil, teria sugerido a denominação e até mesmo a batida das caixas. Já Nunes Pereira, reconhecendo a impossibilidade de uma definição precisa sobre a origem do termo, nos diz: "Ligar-se-á, por acaso, às longas e dramáticas travessias do Atlântico, ao léu das correntes marinhas e dos ventos alísios. (PEREIRA, 1951, p. 12).

Há quem elabore associações etnológicas da palavra, remetendo às origens histórico-geográficas dos africanos desembarcados em Mazagão, como pretende Fernando Canto: O termo Marabaixo é provavelmente uma variação de marabuto ou marabut², Portanto, é apenas um resquício ou fragmento do ritual malê, do grande Império afro-sudanês do século XVI (CANTO, 1998, p. 18-9). Contudo, muitos pesquisadores defenderam o contrário: [...] nada se sabe com segurança sobre sua origem, havendo quem a diga de procedência bantu, sem esclarecer, porém, se do Sul ou do Oeste [...]. (PEREIRA, 1951, p. 12).

Os motivos que faziam da região importante para Portugal eram, dentre outros: a garantia de poder da Coroa; a proteção das riquezas extrativistas das minas de ouro da região, a agregação da população dispersa; a dinamização econômica da região (GOMES et al, 1999). Com a existência de ouro na região Macapá era querida por muitos estrangeiros inclusive Portugal, que foi incansável, mas não tiveram êxito.

Para o sustento dessas atividades, se utilizou de mão-de-obra escrava, primeiramente do indígena, e depois do negro africano. Na edificação da mais imponente Fortaleza de São José, mega construção, que demorou 18 anos para ficarem prontas, insatisfeitos com o tratamento adotado pelos portugueses, os cativos passaram a

² Do árabe Morabit, sacerdote do malês.

fugir e a se refugiarem no mato constituindo suas moradias chamadas de Quilombo do Curiaú, sendo a origem do termo controversa: os idosos dizem que o nome original é “Criaú” que significa “localidade boa pra se criar gado” (FOSTER, 2004), reconhecido como Patrimônio Cultural do Amapá e considerada Área de Proteção Ambiental (GARCIA & PASQUIS, 2000).

A região do Curiaú próxima do núcleo urbano de Macapá, é considerado um Sítio Histórico e Ecológico, é composta por cinco núcleos populacionais: Curiaú de Dentro, Curiaú de Fora, Casa Grande, Currallinho e Mocambo, cuja população é constituída de negros remanescentes de escravos africanos, que ali originaram um quilombo, formadas por várias famílias, ligadas entre si, por laços de sangue e afinidade.

A área do Curiaú por apresentar características singulares que condiciona a existência e formação de habitats e nichos ecológicos variáveis tanto em origem quanto em extensão, é determinante para a presença de uma fauna representativa e variada. O Cerrado com suas Ilhas de Mata apresentam uma fauna típica para cada ambiente, onde a ordem dos Passeriformes³ está muito bem representada. Ainda neste ambiente existem os animais de médio porte, representados principalmente por roedores e répteis (CHAGAS, 1997). Todas essas espécies podem ser encontradas com facilidades na região.

Nos Campos Inundáveis, juntamente com seus igarapés e canais de drenagem, desenvolve-se uma ictiofauna⁴ bastante diversificada e muitas dessas espécies é que constituem a base alimentar dos moradores de Curiaú, como: a Traíra, o Jejú, o Tambaqui, o Tamoatá, o Aracú, e o Tucunaré, entre outros (CHAGAS, 1997). Sendo estas espécies capturadas somente para sobrevivência da família local, não se utilizando de venda externa.

Segundo (SILVA, 2002 *apud* MARIN, 1997), a comunidade de Curiaú tem um enraizamento histórico camponês, com seu modo de vida e práticas culturais. A atividade moderna desenvolvidas na cidade de Macapá pelo trabalho organizado teve pouco peso, não chegando a provocar um engajamento considerável dos moradores de Curiaú nas atividades urbanas (SILVA, 2002 *apud* MARIN, 1997). Muito pelo contrário, grande parte dos que desenvolvem suas atividades na capital, procuram de alguma forma conciliar seu tempo para poderem trabalhar na agricultura e na pecuária.

³ Uma ordem da classe Aves. Popularmente seus integrantes são chamados de pássaros ou passarinhos

⁴ Conjunto das espécies de peixes que existem numa determinada região biogeográfica.

A comunidade do Curiaú nos dizeres de Facundes e Gibson (2000) vive basicamente da agricultura de subsistência extensiva, atividade que, praticamente, apenas satisfaz às necessidades básicas da sua alimentação. Utilizando-se de técnicas primitivas e rudimentares, limitando o cultivo a pequenas áreas. Para a limpeza do terreno é feita a derrubada e posterior queimada e o preparo do solo com enxadas, o que acarreta o mau aproveitamento dos recursos do solo, e esgotando-o em pouco tempo.

As atividades agrícolas consistem principalmente no cultivo da mandioca para a produção de farinha e no de hortaliças em pequena escala. Esse último é desenvolvido em áreas sob a influência de várzea e em cerrado, com o uso de técnicas envolvendo adubação mineral e orgânica, irrigação e defensivos.

As culturas permanentes são resumidas àquelas de fundo de quintal nas pequenas propriedades rurais e nas imediações dos núcleos populacionais. Basicamente, são usadas apenas para o consumo local, sem nenhuma conotação e importância comercial.

Outra dimensão que se faz presente nessa comunidade é a criação de gado bovino está identificada com a história de ocupação de Curiaú e os moradores sempre dispuseram de algumas cabeças. Essa pecuária é um complemento da agricultura (SILVA, 2002 *apud* MARIN, 1997). A criação bovina é uma das principais atividades desenvolvidas no Curiaú e é praticada por pequenos criadores principalmente com a criação extensiva de búfalos, mas também há a criação de gado bovino, de carneiros e de cavalos, se bem que em menor escala. A pastagem utilizada é eminentemente natural, aproveitando-se das áreas de campos inundáveis que, além de abundantes, oferecem boas condições de forragens e baixos custos de manutenção.

O extrativismo representa um papel muito importante no regime alimentar das comunidades do Curiaú sendo a pesca uma das suas principais atividades, juntamente com a extração seletiva de madeira e coleta do açaí⁵ nos ambientes de floresta de várzea. De forma menos significativa, tem-se a utilização da andiroba⁶ para a produção de óleo e coleta de outras espécies frutíferas próprias da várzea. No cerrado, são utilizadas várias espécies como ervas medicinais (FACUNDES & GIBSON, 2000).

A caça nas matas de Curiaú já foi abundante, mas hoje com a proximidade da cidade e a própria pressão nas zonas de caça, promovidas em escala alta por

⁵ ou Juçara é o fruto bacáceo, de cor roxa, que dá em cacho na palmeira conhecida como açazeiro.

⁶ árvore da família Meliaceae. O nome deriva de "andi-roba", a palavra tupi-guarani que refere as sementes desta árvore e que significa gosto amargo. É reconhecida oficialmente pelo Ministério da Saúde do Brasil como possuidora de propriedades fitoterápicas.

caçadores vindos principalmente de Macapá, e também pela legislação ambiental, levou a atividade a sair da área de prioridade dos moradores para conseguir proteína animal.

2. DANÇA DO MARABAIXO: memórias e corporeidade

2.1. Dança do Marabaixo: perspectivas educacionais e diversidade cultural

É representada através de gestos, expressões e movimentos corporais associados aos ritmos, pode ser no dizeres do Coletivo de Autores (1992, p.82) que é:

Considerada uma expressão representativa de diversos aspectos da vida do homem, como linguagem social que permite a transmissão de sentimentos, emoções da afetividade vivida nas esferas da religiosidade, do trabalho, dos costumes, hábitos, da saúde, da guerra.

A partir desta concepção, podemos perceber e entender a dança como mais uma herança dos nossos ancestrais, expressão da nossa condição humana manifestada nas diferentes culturas.

Interrogamos o que será a Dança nessa comunidade? Sabemos que na visão popular e cotidiana, na sua origem é considerada Arte, sendo a manifestação mais antiga artística criada pelo homem. No resgate da história da dança constatamos que as manifestações dançadas (rituais e cultos primitivos) antecedem às formas de comunicação verbal, ou seja, em sua evolução, “o ser humano dançou antes de falar. Esta foi sua primeira manifestação social que sempre serviu para auxiliá-lo a afirmar-se como membro da sociedade” (BREGOLATO, 1994, p.57).

Partindo da idéia de que os povos primitivos dançavam sem precisar de aulas para isso, e se comunicavam pela dança, é impossível aceitar quando as pessoas, hoje em dia, dizem que não sabem dançar. Todos sabem dançar, muitos não sabem que sabem, apenas não foram estimulados.

A partir das manifestações dançadas dos povos primitivos, a dança passou por diversas fases originando inúmeras vertentes. Estas diferenciações vão surgindo de acordo com o desenvolvimento histórico cultural dos povos. Isso explica a diversidade de estilos da dança existentes na atualidade.

Eles se interpenetram, trocam informações, retrocedem a estilos às vezes esquecidos e vão se multiplicando e se desenvolvendo de forma dinâmica, acompanhando as criações culturais das diferentes sociedades.

Para Bregolato (1994, p. 58) “A dança exprime a alma de um povo, as características de sua formação étnica, seus hábitos, as tradições de seus costumes, um

ritmo próprio expresso no compasso de suas músicas”. Para ela⁷, tem mudado assim como a cultura humana, pois a dança é criada por indivíduos que pertencem a meios particulares”. A miscigenação dos estilos possibilitou a diversificação e proliferação da dança; ao mesmo tempo em que a elitizou, na medida em que a desviou da sua essência como manifestação individual, forma de comunicação entre as pessoas.

Marques (2007), diz que o ensino da arte tem sofrido as conseqüências de posturas racionalistas, e a escola formal está fundada em valores:

A arte, freqüentemente associada ao trabalho manual, foi também associada à condição escrava, não é de ser admirar, portanto que uma arte como a dança, que trabalha diretamente e primordialmente com o corpo, tenha sido durante séculos “presa nos porões e escondidas nas senzalas”: foi banida do convívio de outras disciplinas na escola, ou, então, atrelada ao tronco e chicoteada, até que alguma alma boa pudesse convencer “o feitor” de sua “inocência.

As senzalas era o único lugar em que os escravos podiam expressar sua dança, ficando proibida a sua manifestação fora dela.

Conforme Brasil (1997), ao citar os objetivos gerais de educação física no ensino fundamental, espera-se que ao final do ensino fundamental os alunos sejam capazes de: “Conhecer, valorizar, respeitar e desfrutar da pluralidade de manifestações de cultura corporal do Brasil e do mundo, percebendo-as como recurso valioso para a integração entre pessoas e entre diferentes grupos sociais”.

Consta nos PCN as Atividades Rítmicas e Expressivas como um dos conteúdos a serem trabalhados na Área de Educação Física. No meu ponto de vista inclui as manifestações da dança, que têm como características comuns a expressão e a comunicação mediante gestos e a presença de estímulos sonoros como referência para o movimento corporal. As danças e brincadeiras cantadas constituem o acervo imaterial da cultura oral do povo Amapaense. Por meio das danças e brincadeiras as pessoas conhecem as qualidades do movimento, intensidade, duração, direção, sendo capaz de analisá-los a partir destes referenciais; conhecem técnicas de execução de movimentos e utilizam-se delas; são capazes de improvisar, de construir coreografias, e, por fim, de adotar atitudes de valorização e apreciação dessas manifestações expressivas. Poderia a dança do Marabaixo e do Batuque, constituir-se em conteúdo escolar, sem perder suas propriedades culturais?

⁷ Idem

A dança pode representar um fator de comunhão cultural, transmitido idéias de costumes de uma geração a outra, sobretudo nas formas folclóricas. Baseando-se em tradições, essas formas prolongam no tempo o espírito de comunidade, sendo inegável o seu valor cultural. Na Grécia antiga, as danças exigem preparo intelectual do praticante e eram as preferidas pelas elites. Relaciona-se com diversas artes e ciências, quais sejam: a música de cujo conhecimento de ritmo, fraseado, estilos e formas não pode prescindir; a literatura onde irá buscar temas para balé de argumento breve ou de longa duração; a poesia onde poderá buscar idéias para os balé impressionistas; a pintura que prestará sua colaboração nos cenários e a escultura com diversas sugestões que movimento, havendo que dissesse que a escultura é um instante de dança. A dança solicita ainda conhecimento de história, da história da dança, da geografia, de folclore, e também aos que se dedicam à coreografia. Incontestavelmente, a dança é a atividade física e mental elevada e a mais completa das artes.

Estando a disciplinas presentes na arte da dança, ela contribui eficientemente neste campo da vida social. O grupo que dança sente e atua um organismo único: enquanto dançam, as pessoas estão num estado de unificação social completa. O espírito de solidariedade e cooperação é exigido, sobretudo na dança em conjunto. O conjunto, na sua totalidade, significará não só os bailarinos, mas os músculos, coreógrafos, cenógrafos, costureiros e outros elementos de apoio. O trabalho é de equipe. O bom resultado só será conseguido se houver solidariedade e cooperação.

3 – METODOLOGIA: Construindo os caminhos...

As fotografias e filmagens também serão recursos de registros utilizados, pois, ampliam o conhecimento do estudo ao proporcionarem momentos ou situações que representam o cotidiano.

Será uma pesquisa qualitativa, para Neves (apud Maanen, 1979), a expressão “pesquisa qualitativa” assume diferentes significados no campo das ciências sociais. Compreendem um conjunto de diferentes técnicas interpretativas que visam a descrever e a decodificar os componentes de um sistema complexo de significados e tem por objetivo de traduzir e expressar o sentido dos fenômenos do mundo social trata-se de reduzir a distância entre indicador e indicado, entre teoria e dados, contexto e ação.

Será descritiva por descrever as entrevistas abertas coletadas pelos participantes. Para Duarte (2005), a entrevista aberta se caracteriza por ter um tema

central que flui livremente, sendo aprofundado em determinado rumo de acordo com aspectos significativos pelo entrevistador enquanto o entrevistado define a resposta segundo seus próprios termos, utilizando como referência seu conhecimento, percepção, linguagem, realidade, experiência.

E como cita Gil (2009, p.41-2), as pesquisas descritivas têm com o objetivo primordial a descrição das características de determinadas população ou fenômeno.

Para tal, usarei documentos, como: Os Parâmetros Curriculares Nacionais – Educação Física; Proposta Curricular para o Ensino de Educação Física do primeiro ao quarto Ciclo, documentos sobre a constituição do Curiaú, bibliografias sobre a dança, enfim registros advindos das entrevistas.

Conforme afirma Gil (2009, p.41-2), as pesquisas exploratórias têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícitos ou a construir hipóteses, o aprimoramento de idéias ou a descobertas de intuições. Na maioria dos casos, essas pesquisas envolvem: a) levantamento bibliográfico; b) entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado; c) análise de exemplos que “estimulem a compreensão”. Por tanto também será exploratória essa pesquisa

4 - ORÇAMENTO DA PESQUISA

4.1 - Despesas com materiais:

ÍTEM	UNIDADE	VALOR EM R\$	TOTAL
Folhas de ofício, Boreal A4	2	11,90	R\$ 23,80
Cartuchos de Tinta Preta Epson 117	2	19,90	R\$ 39,80
Gravador Panasonic RR-US551	1	140,00	R\$ 140,00
Câmera fotográfica Lumix	1	350,00	R\$ 350,00

Computador Notebook CCE	1	1100,00	R\$ 1.100,00
TOTAL			R\$ 3.748,60

Obs.: Os materiais acima foram utilizados na impressão de textos, documentos, atas, etc. e o gravador foi adquirido a fim de realizar as entrevistas semi-estruturadas, a câmera fotográfica para o registro do trabalho, o computador para digitação e organização do projeto e a mídia para armazenamento dos dados coletados.

4.2 - Despesas pessoais:

ÍTEM	DIAS	VALOR R\$	TOTAL
Gasolina (deslocamento)	120	10,00	R\$ 1.200,00
Passagem aérea Pelotas/ Macapá	2	1.200	R\$2.400,00
Passagem aérea Macapá/Pelotas	2	1.200	R\$ 2.400,00
TOTAL			R\$ 6.000,00

Obs.: Nesta tabela calculei os valores aproximados dos gastos com deslocamento para as observações de campo e entrevistas na localidade do Curiaú, localizada na Zona Norte de Macapá à 16 km considerando minha residência no bairro do Trem, zona sul da cidade.

4.3 – Valor das despesas

VALOR DAS DESPESAS	
DESPESAS MATERIAIS	R\$ 3.748,60

Análise e interpretação dos dados		X	X	X	X							
Eventos	X				X							
Elaboração Artigos			X	X								
Organização material pedagógico				X	X	X	X	X	X			
Defesa Dissertação-artigo										X		
Submissão á Revistas UFPel										X	X	

5.2 – Pesquisas em 2012

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, V. **Manual de História Oral**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.
- ARROYO, Miguel G. **Imagens quebradas: trajetórias e tempos de alunos e mestres**. Petrópolis: Vozes, 2004.
- BRASIL. **Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: Educação física / Secretaria de Educação Fundamental**. Brasília: MEC/SEF, 1997.96p.
- _____. **Lei Federal nº. 10.639/2003**. Institui a obrigatoriedade do ensino de História da África e da Cultura Afro-Brasileira. Brasília. 2003
- _____. Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial. Estatuto da Igualdade Racial. Brasília: SEPPIR/PR, 2010.
- BARTHES, Roland. **A Câmara Clara: nota sobre a fotografia**. Trad. Júlio Castañon. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- BREGOLATO, R. A. **Textos de Educação Física para a sala de aula**. 2ª. ed. Cascavel, Assoeste, 1994.
- BOSI, E. **O tempo vivido da memória: ensaio de psicologia social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- CANTO, Fernando. **A água benta e o diabo**. 2ª ed. Macapá: FUNDECAP, 1998.
- CLAVAL, Paul. **A geografia cultural**. Tradução de Luiz F. Pimenta e Margareth de C. A. Pimenta. 2. ed. Florianópolis: Ed. UFSC, 2001.
- COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do Ensino da Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.
- CHAGAS, M. A. **Curiaú: Dossiê da Área de Proteção Ambiental**. Macapá: GEA/SEMA, 1997.
- DIEGUES, A. C. & ARRUDA, R. S. V. (Orgs.). **Saberes tradicionais e biodiversidade no Brasil**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente; São Paulo: USP, 2001.
- DUARTE, J. B. A. (Orgs.) **Método e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005.

- FACUNDES, F. S. & GIBSON, V. M. **Recursos naturais e diagnósticos ambiental da APA do Rio Curiaú** – Macapá: UNIFAP, 2000. (Trabalho de Conclusão de Curso). 58 p., 2000.
- FOSTER, E. L. S. **Racismo e movimentos instituídos na escola**. Tese (Doutorado em Educação) Rio de Janeiro, Universidade Federal Fluminense, 2004.
- FERREIRA, A. B. H. **Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. 3ª. ed. Curitiba: Editora Positivo, 2004.
- FERREIRA, A. J. **Formação de Professores. Raça/Etnia**: Reflexões e sugestões de materiais de ensino em português e Inglês. Cascavel, PR: Coluna do Saber, 2006.
- GARCIA, M.; PASQUIS, R. **Diagnóstico e zoneamento participativos: atelier Currallinho**, APA Curiaú. Macapá: SEMA, 2000. 25 p.
- GARCIA, A. & HASS, A. N. **Ritmo e dança**. Ed. Canoas, RS. Editora da ULBRA, 2003.
- GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. Rio de Janeiro: Record, 1997.
- GONÇALVES, C. W. P. **A invenção de novas geografias**. In: **Territórios**. Programa de pós-graduação em geografia. UFF/AGB. Niterói, 2002, p. 257-284.
- GONZALEZ, L. **Racismo e sexismo na cultura brasileira**. In: **Ciências sociais hoje**. ANPOCS (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais), 1984, p. 223-244.
- GOMES, F. S. (Org.) **Nas terras do cabo norte**: fronteiras, colonização e escravidão na guiana brasileira – séculos XVIII/XIX. Belém: Editora Universitária/UFPA, 1999.
- GOMES, P. C. C. **A condição urbana**: ensaios de geopolítica da cidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2009.
- KENSKI, V. A vivência escolar dos estágios e a prática da pesquisa em estágio supervisionado. In S. PICONEZ (Org.) **A prática de ensino e o estágio supervisionado**. Campinas, Papirus, 1991.
- MARQUES, I. A. **Dançando na escola** / Isabel A. Marques. 4ª. ed. São Paulo: Cortez, 2007.
- MELLO, A. C. **Metodologia de pesquisa**: livro didático. Palhoça (SC): Unisul Virtual, 2006.
- MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

- MORIN, E. **O método III: o conhecimento do conhecimento**. Portugal: Publicações Europa-América, 1996.
- MOSCOVICI, S. **Representações Sociais: Investigações em psicologia social**. Petrópolis: Vozes, 2005.
- NANNI, D. **Dança-Educação: pré-escola à universidade**. Rio de Janeiro: 4^a ed. Sprint 2003.
- NEVES, J. L. **Pesquisa quantitativa, uso e possibilidade**. Disponível em <<http://www.ead.fea.usp.br/cad-pesquisa//c03-art06.pdf>>
- PEREIRA, N. **O sahiré e o marabaixo: Tradições da Amazônia**. Contribuição ao Primeiro Encontro Brasileiro de Folclore. 1951.
- QUINTELA, E. **Marabaixo**. *Tipiti*. Macapá, 22 de abril de 1992.
- RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. Dissertação (Mestrado em Letras e Lingüística). Universidade Federal de Goiás, Goiânia, Ática, 1993.
- RATTS, A. J. P. **As etnias e os outros: as espacialidades dos encontros/confrontos**. **Espaço e cultura**, Rio de Janeiro, nº 17-18, jan/dez.2004, p. 77-88.
- SILVA, R. B. L e. **A etnobotânica de plantas medicinais da comunidade quilombola de Curiaú, Macapá-AP, Brasil**. 2002. 172 p. Dissertação (Mestrado em Agronomia) – Universidade Federal Rural da Amazônia, Belém 2002.
- SANTOS, M. **As exclusões da globalização: pobres e negros**. In: FERREIRA, A. M. (Org.). **Na própria pele: os negros no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre, CORAG/Secretaria de estado da Cultura, 2000.
- _____. **Ser negro no Brasil hoje**. In: **O país distorcido: o Brasil, a globalização e a cidadania**. São Paulo: Publifolha, 2002.
- _____. **Ser intelectual na era da globalização**. Conferência na cerimônia de outorga do título de Professor Emérito da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. São Paulo, 1997.
- SANTOS, F. R. **História do Amapá**. 4^a ed. Macapá: VALCAN, 1998.
- SOUZA, M. M. **África e Brasil africano**. 2^a ed. São Paulo: Ática, 2008.
- FOTOGRAFIA: Francisco Marlon da Silva Gomes (autor).

3. RELATÓRIO DE CAMPO

Relatório de coleta de dados

Apresento aqui informações referentes ao trabalho realizado em campo. A pesquisa denominada “**MEMÓRIAS DO MARABAIXO E DO BATUQUE: cultura quilombola e corporeidade na comunidade do Curiaú em Macapá-AP**”.

Esta é uma pesquisa qualitativa, do tipo de estudo de caso, no qual busquei através da entrevista e observação, diário de campo, compreender a questão proposta pela pesquisa.

A escolha da Comunidade

Para escolha da população pesquisada, busquei-me ao recordar de inúmeras vezes em idas a comunidade Quilombola do Curiaú, nos fins de semana para os belos banhos de rio com minha família e até mesmo quando adolescente estudante, quando participei de inúmeros passeios com a turma do colégio Estadual Gabriel de Almeida Café, hoje Escola Estadual Gabriel de Almeida Café ao balneário do Curiaú.

Já adulto amante pela arte de fotografar, ficou cada vez mais fascinado pela beleza que Curiaú proporciona a todos que ali vão. Belíssima paisagem, pôr do sol entre as esculturas dos rios, campos vastos, o caboclo conduzindo em pé sua canoa, deslizando entre as matas marinhas, nas suas plantações, colheitas, na fabricação de farinha, tapioca, tucupi, nas danças eloquentes do Batuque e do Marabaixo, inúmeros foram os grandiosos momentos de prazer a flor da pele.

Por ter o Curiaú na sua cultura um resgate da cultura africana, tendo um laço forte com a Dança, busco investigar essa atividade que contagia toda a comunidade. Entrei em contato por telefone com a presidente da Associação dos Moradores do Curiaú, representada pela Senhorita Josineide Araujo, que imediatamente foi bastante acessível à pesquisa, organizei os documentos necessários para a pesquisa e ela autorizou mediante assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (ANEXO A) e a Carta de Anuência (ANEXO B).

Depois de reunidos os documentos necessários para a pesquisa, enviei-os para o Comitê de Ética para a avaliação do mesmo.

O caminho percorrido

Na oportunidade da liberação da pesquisa, a Senhorita Josineide, me informou os grupos e pessoas que ali participavam da dança naquela comunidade.

Na oportunidade conheci D. Chiquinha de 93 anos de idade, ex-lavadeira aposentada pelo INSS e pensionista. Dançadeira e cantadeira de Marabaixo e Batuque e com experiência de 80 anos envolvida pela dança me proporcionou um vasto conhecimento das danças daqueles quilombolas. Depois da morte de seu esposo, com 83 anos, “ainda novo”, como disse D. Chiquinha, ela deixou um pouco mais de dançar,

mas o tempo foi passando e a pedido de seus filhos, ela entendeu que ele não gostaria de vê-la triste e aos poucos ela foi retornando aos festejos. Quando ela dança, relembra de sua família e muita das vezes chora por lembrar o sofrimento que passaram nos anos anteriores. Ela conta que um dia em um festejo de Marabaixo em uma localidade vizinha chamada Casa Grande ela não conseguiu cantar toda a música pela emoção forte que sentiu da saudade de sua mãe, pai, filho e esposo e chorou até o fim desta.

D. Chiquinha relatou que pela participação do Marabaixo, pode conhecer a “cidade Maravilhosa” o estado do Rio de Janeiro e Caiena, situada na Guiana Francesa, fronteira ao extremo norte com o município de Oiapoque no estado do Amapá. A sua participação nos cantos hoje são mais suaves por problemas de garganta devido à idade avançada, mas esse pequeno problema não é o suficiente para deixar de cantar.

Conheci a Senhora Esmeraldina dos santos, 56 anos de idade, filha de D. Chiquinha, mãe e divorciado, escritora e empreendedora. Quando marquei uma entrevista para conversarmos sobre a dança do Marabaixo e do batuque e o que ocorrer, ela ficou interessadíssima, pois queria me mostrar o seu novo livro “As Aventuras de Dona Florzinha”, feito com uma metodologia para crianças, pintar e conhecer um pouco de sua comunidade quilombola. Era sobre um livro de história de uma onça que havia passado por ali, e que por alguns dias havia deixado um clima de terror e medo em toda comunidade, já que os moradores na maioria se deslocam a pé ou de bicicleta, e a onça estava atacando os bovinos e suínos. Esmeraldina com sua espertes criou seu livro.

Conversamos livremente sobre a dança na comunidade. Em relação aos acessórios utilizados na danças temos a toalha que tanto no Marabaixo ou no batuque, faz-se o uso no ombro. Como os banheiros eram feitos e muitos ainda são feitos uma certa distância (mais ou menos de 10 a 15m) do lado de fora das residências, e quando dançavam elas suavam muito e com o corpo quente ela não iam até o banheiros, colocava-se as toalhas no ombro e ao suar limpava-se o suor e muitas das vezes colocava-se a toalha na cabeça para proteger-se do sereno da madrugada, que em muitas festanças acaba-se ao raiar do dia.

Em época de festas, todos os membros da família vinham de varias localidades, e eram feito ao redor do barraco⁸, pequenas casas, maloquinas dito por ela, de palhas, às vezes com encerados para abrigar as famílias das pessoas que vinha de longe, de outras comunidades para passarem a noite toda na festa, que iam até o amanhecer. Penduravam-se as redes para as crianças dormirem, na época era difícil a

⁸ Local onde se realizavam as danças, muitas das vezes denominadas Barracão.

utilização da cama, era muito cara, somente pessoa com poder financeiro elevado tinha como comprar. Dessa forma, os dançantes poderiam a qualquer momento observar seus filhos.

Por causa do Marabaixo Esmeraldina retornou com os estudos, ela é estudante, e teve seu retorno a sala de aula depois de muitos anos havia deixado a escola fora de seus objetivos, pois precisava trabalhar para o sustento da família, sentia-se como todos os de mais idade no Curiaú, a preocupação com os filhos, com a alimentação e vestimenta, depois se desse preocupava-se com ela mesma. Mas com o incentivo dos filhos, D. Esmeraldina voltou a cursar o ensino fundamental e hoje ela se encontra no fim do Ensino médio com dois livros publicados, com assuntos referentes à comunidade em que vive.

Dona Esmeraldinha aproveita-se da ocasião, de fatos que acontece em sua comunidade e escreve esses fatos, do mesmo modo que assim são feitos os ladrões⁹ de Marabaixo e as Bandaias¹⁰ no Batuque.

O Marabaixo e o Batuque deu a Esmeraldina após o lançamento de seus livros, a oportunidade de conhecer os estados de São Paulo, Brasília e Belém, antes ela se perguntava “será que eu um dia vou poder viajar?” Mas a dança foi seu passaporte para esse prazer que a muito tempo aguardava e não tinha se quer condições para o acontecimento.

Ela e sua família tiveram a oportunidade de participar do programa do Evandro Mesquita na emissora bandeirante onde mostrava a cultura amapaense.

O Marabaixo foi para ela o principal motivo das portas se abrirem sem ele ela não vê de outra forma como isso poderia acontecer. Ela sempre luta para demonstrar o que é o Marabaixo e o Batuque, por que as pessoas que não tem o conhecimento da dança, misturam e confundem muito com o candomblé a umbanda, na escola onde ela estuda, é uma escola que não pertence a sua comunidade, pois a escola da sua comunidade não atende alunos para o ensino médio. Ela é uma grande contribuinte na disseminação da cultura afro-amapaense, sempre chamada para proferir palestras e representar sua escola em eventos estaduais.

A representação do Marabaixo para Esmeraldina representa na maioria das vezes a “tristeza”, ela dança para cultivar a cultura, pois representa a grande tristeza dos escravos, a vida sofrida durante a escravidão. Ela diz que: “A dança com os pés juntos representava as correntes postas nos pés dos antigos escravos, por isso que os passos do

⁹ Versos da músicas do Marabaixo feitos com as histórias “roubadas” ocorridas na comunidade.

¹⁰ Versos do música do Batuque.

Marabaixo é lento e com arrastar dos pés”. Ela nos mostrar versos através de um ladrão feito após uma desgraça de uma matança de família, ex:

Ai, meu Deus, ai meu Deus	
Maldito mata-mata	bis
Estava na minha roça	
Mandioca eu fui ralar	bis
Quando eu recebi notícia	
Do maldito mata-mata	bis
Deus quando fez o mundo	
Fez toda separação	bis
Separou água da terra	
Da nossa labutação	bis
Ai meu Deus, ai meu Deus	
Da nossa labutação	bis
Essa sina essa sina	
Essa sina e essa sorte	bis
Antes assim fosse à vida	
Do que na hora da morte	bis

Contada por D. Esmeraldina

Essa história foi contada pela D, Esmeraldina. O Mata-mata¹¹, apareceu na casa de uma família (a) que teve intrigas com outra (b), e essa (a) descobriu que haviam enviado para (b), um feitiço e logo buscou auxílio de outro feitiçeiro e reenviou através do mata-mata, quando a família (b) achou o animal, foi prepara-lo para servi no almoço, e ao cortá-lo foi observado que invés de carne havia matapá¹² dentro do mata-mata, com isso a família adquiriu esse feitiço que desgraçou toda um grupo familiar. E na música há um arrependimento da maldade que havia começado e que não esperava o seu retorno, logo não gostaria de sofrer.

Esmeraldina disse que durante a dança do Marabaixo as pessoas costumam abaixar a cabeça, e outras que não entendem às vezes pedem para levantar, mas elas não compreendem o verdadeiro significado, o Marabaixo repassa tristeza. Já o Batuque é alegria, é o momento onde os participantes celebram a liberdade, uma boa colheita,

¹¹ Um jabuti tracajá, comum na região.

¹² Mato do campo

fazendo se deu momento de lazer, do tempo livre, um descanso lúdico e prazeroso, com forme os versos abaixo:

Me chamaram de puxa-saco
 Puxa-saco eu não sou
 Só vim dar o convite
 Conforme o homem mandou.

As quatro horas da tarde,
 Quando o rádio falou
 A notícia que eu vou te dar
 É que o território acabou.

Se este território acabar o que será dos arigós,
 Tenho pena dos arigós
 E de meus parentes brasileiros
 Já desprezaram suas lavras
 por causa desse dinheiro.

Conforme Esmeraldina, na comunidade não tem idade para começar a dançar o Marabaixo e o Batuque. Ela tem uma neta de cinco anos e já faz parte do grupo, ela diz que depende muito dos pais, a participação dos mesmos nos eventos da comunidade. A criança participa quando todos estão presente dançando, e também não há professor de dança dessas modalidades, os professores são substituídos pelos grupos que dança de fazem suas demonstrações e na observação as crianças vão construindo seus passos pela visualização dos corpos em movimentos dos participantes.

Ela informou que nas escolas de localizadas fora da comunidade quilombola, ainda tem um grande preconceito da dança do Marabaixo e do Batuque. O governo do estado realizou o projeto “Viva o canto do Quilombo”, realizado nas escolas da cidade, foram apenas um encontro de quilombolas com os alunos da escola, e nessa oportunidade os alunos ficaram ainda muitos tímidos com a presença dos quilombolas. A missão era apresentar aos escolares mapaenses o que é o Marabaixo e o Batuque, que são danças quase aparecidas, mas com significados e instrumentos diferentes, houve poucos alunos participantes, mas foi o começo para o projeto.

Em sua residência há um barracão e nele é oferecida às crianças a oportunidade de aprender a confeccionar caixa e pandeiro, e a tocar os instrumentos do Marabaixo e do batuque. Ela se reporta a preocupação da aprendizagem dessas crianças para que essa atividade não se perca ao tempo.

Tive a oportunidade em outro momento de marcar uma conversa com o Senhor Pedro Rosário dos Santos, mas conhecido de “Pedro Bolão” com 53 anos de

idade, Fabricante de Caixa¹³, bandeiro e tambor e macaco¹⁴, filho de dona Chiquinha e irmão de Esmeraldina, que possui um grupo de Dança denominado “Raízes do Bolão”, onde organiza neste grupo participação de crianças e adolescentes que praticam a dança do Marabaixo e do Batuque, participam também de oficina de Instrumentos musicais. Com o conhecimento adquirido pelo pai ainda na adolescência, Bolão oferece grandes lições de paciência e persistência na comunidade em relação à valorização e divulgação de sua cultura. Ele me explicou da importância deste projeto quando cita que: *“...comecei a fazer as caixas, por que já estavam aparecendo instrumentos vindo de fora da comunidade, estes instrumentos são davam um bom som, essas pessoas que faziam, não se preocupavam com isso, achavam que podia ser feito de qualquer forma. Aí eu resolvi ensinar na comunidade para as crianças, para que elas aprendessem a construir seu próprio instrumento. Isso aconteceu igualmente com o pandeiro e os tambores utilizados no batuque, que também fazemos aqui, com nossas madeiras e sobra de caixas usadas e com couros de carneiro e búfalo”*.

Na escola Estadual José Bonifácio, a única da Comunidade quilombola, é oferecido somente o ensino Fundamental, e nela possui um grupo de dança de Marabaixo e Batuque, onde a professora responsável a Srtª Rosália, de 40 anos de idade, que organiza seus alunos para pequenos encontros, a professora disse que não é necessário ensaiar os passos, são apenas encontros para que os alunos pratiquem e é uma maneira de interagirem entre eles, diz ela: *“não treinamos os passos. Faço isso para não ficar uma dança técnica, ela deve fluir livremente pelos alunos, eu não cobro deles a perfeição, com isso, eles conseguem transmitir seu sentimento através do Movimento Corporal, adquirido na comunidade”*.

Nesta mesma instituição, é trabalhada a cultura afrodescendente de seus antepassados e inclusive a religiosidade que nela é bastante frequente. Há um grupo de meninos que participam da ladainha¹⁵ mirim, esse grupo é só de meninos, as meninas não participam, já é de tradição a ausência das meninas. Na ladainha se destaca o aluno Everton de 12 anos, que seu papel é representar o mestre-sala¹⁶, este grupo é organizado pelas professoras Socorro Lino, de 52 anos de idade, bibliotecária e a Professora

¹³ Instrumento musical utilizado para a dança do Marabaixo, parecido com um tambor, feito de madeira de caixa de verdura, corda e couro de carneiro.

¹⁴ Instrumento musical utilizado no Batuque; Atabaque roliço de metragem em média 1 metro de comprimento e 15 de diâmetro, coberto em uma das extremidade por couro de carneiro.

¹⁵ Resas católicas em latim.

¹⁶ O membro participante responsável pela organização e andamento ladainha, sendo este respeitado por todos. Podendo o mestre sala dá um castigo (punição) para o participante que no desenvolvimento da ladainha comportar-se de forma inadequada com brincadeiras e desrespeito ao outro. O nome se deu pela necessidade de ter uma pessoas responsável pelo evento, se deu o nome de mestre e era realizado nas salas da casas, assim ficou, mestre-sala.

Deusiane, de 38 anos de idade pedagoga ambas da escola. O grupo foi organizado pela preocupação da extinção da ladainha pelos adultos, visto que poucos adultos estavam fazendo parte deste ritual, com isso as professoras sentiram a necessidade de criar o grupo com crianças, e estas serão o futuro do grupo dos foliões.

Conversei com a professora Sheila, de 33 anos de idade, que leciona a disciplina de Literatura Infantil, onde na escola esta desenvolve um projeto que os alunos podem através do desenho contar suas histórias, desejos e fantasias. Eu disse que gostaria desenvolver um projeto com os alunos da escola um pouco parecido com o dela, onde os alunos teriam que organizar em poucas linhas um texto, e que este texto poderia ser de forma de verso, poesia, contos e histórias sobre as danças do batuque ou do Marabaixo dos jogos e brincadeiras, mas que o tema central seria o Curiaú. Ela logo indagou que era somente professora do ensino fundamental das séries iniciais, no caso de 1ª a 4ª série, e que somente os alunos de 4ª série poderiam ajudar no trabalho e que eu teria que está com ela nos dias de suas aulas. Então eu a informei que gostaria também da participação da família nesse trabalho, com a contribuição deles seria primordial na construção da atividade, o pai, o tio se ainda não contaram alguns fatos ou causos que aconteceram na comunidade, agora seria o momento de pais e filhos na contribuição do projeto.

No encontro com a direção da escola, eu propus o projeto à escola e a diretora ficou contente em saber que, pessoas de fora da comunidade têm um interesse e preocupação na discriminação da cultura quilombola do Curiaú, que para a escola, seria um grande prazer em colaborar com a atividade proposta, se colocando a disposição para o que ocorrer. Damos o início ao projeto não só com os alunos da 4ª série, como também as demais turmas de ensino fundamental. O resultado foi belíssimo, será enviada a secretaria de Educação do Estado – SEED/AP, para a confecção do material para divulgação.

Fiquei sabendo de uma jovem, a Giovana, de 36 anos de idade, que participa e organiza um grupo de dança do Batuque, e fui a sua procura. Marquei um encontro onde poderíamos conversar sobre seu trabalho na comunidade, mas poderia ser somente em dia agendado, pois ela trabalha como vigilante, assim foi feito. Ela e outros moradores do Curiaú sempre estavam participando de apresentação da dança do batuque na comunidade e fora dela, em eventos como: seminários, congressos, equinócios e outros. Mas quando solicitado era tudo de repente, às vezes deixando algumas participantes de fora da apresentação. Por conta disso, Giovana achou melhor organizar

o grupo, que passou a ter encontros para sua estruturação, providenciaram roupas da dança, que anteriormente eles dançavam de com cada uma com suas roupas, mas não tinha um padrão, a parti de então as roupas passaram a ter um único modelo somente as cores no batuque são diferentes, já no Marabaixo são utilizados as cores iguais a todas e a todos do grupo, com o grupo montado, as apresentações tinham que ser agendadas com antecedência para uma maior organização, os instrumentos foram providenciados e decorados para a ocasião. Hoje seu grupo é composto de 40 participantes em média, entre adultos, adolescentes e crianças, e aqueles que se envolverem para a participação de tocador, escolhe seu instrumento e pratica com o grupo, as crianças também tem a oportunidade de participação no grupo de tocadores, para que este possa ainda menor de idade, aprender a tocar. Aquele que tem interesse pelo um determinado instrumento, o grupo providencia esse para que a criança treine e se familiarize com o mesmo.

Antes de organizar o grupo, Giovana conta que tinha vergonha de sua cultura, ela não se envolvia, ficava no canto do salão e nem pensava em dançar. Com o tempo ela observou da importância de sua participação e de seu envolvimento na dança. E hoje através do batuque ela busca a valorização de sua cultura. É através das apresentações que ela é reconhecida pela cidade, secretarias e no próprio Curiaú servindo de referência a pesquisa sobre a dança.

Giovana e seu grupo passaram a organizar também as músicas e a partir daí o que não falta é pessoas a procura de relatos de experiências sobre a dança na comunidade e para contratação dos mesmos para demonstrações. Para ela a danças do batuque lhe traz felicidade, e ela consegue perceber nos olhos dos convidados participantes no momento da apresentação que, aqueles que estão apreciando o batuque a emoção contagiam através do ritmo e da dança. A diferença do batuque para o Marabaixo na dança está no arrastar do passo simulando as correntes, no Marabaixo os dançarinos vão onde os tocadores forem, enquanto no Batuque, os dançantes dançam ao redor dos batedores e os passos são mais soltos com mais liberdade de movimento.

Giovana conta, que a dança do batuque existe na comunidade desde seus antepassados e foi repassando em varias gerações, é uma dança parecida com a que dança na cidade do Maranhão o “tambor de crioula”. E que seus pais e avós dizem que a povoação na comunidade se deu com a fuga de dois irmãos que eram escravo do Forte

da fortaleza¹⁷ de São José de Macapá que se refugiaram para área do Curiaú e procriaram e constituíram família, e é por isso que lá na maioria é parente.

Entre as dança, é o Batuque que mais se comemora no Curiaú. Quando alguém da comunidade deseja celebrar, essa pessoa passa a ser o festeiro e convida antecipadamente para a celebração em sua residência, e no dia marcado ainda pela manhã oferece aos participantes um café da manhã reforçado e após o café matinal começa a festa do batuque até de noite, ficando também o festeiro responsável pelo almoço e o jantar, o um ritual que se prolonga até a aurora. Para realizar o batuque, se comemora um santo católico e se realiza as ladainhas¹⁸ e a folia¹⁹ durante uma semana até o penúltimo dia tem a missa na pequena capela da comunidade, no ultimo dia se faz a matança do boi e preparação para o grande banquete no jantar, que será servido o caldo de carne, onde também servirá de alimento energético junto com a bebida caseira feita e degustada na comunidade a gengibirra²⁰ servida aos convidados que irão até ao raiar do dia. Por volta das seis horas da manhã, todos fazem uma peregrinação às casas dos moradores da comunidade até às nove horas, durante a caminhada são arremessados rojão em forma de agradecimento pela festa.

Giovana se queixa da pouca participação dos órgãos públicos na comunidade, a presença deste se dá somente na época da cheia do rio Curiaú, com a cobrança pelo Instituto Brasileiro da Amazônia - IBAMA e Batalhão da Polícia Ambiental do Estado - BPA, onde aumenta a fiscalização da caça e pesca por pessoas que não residem na localidade do Curiaú. Mas em ações sociais e culturais estão ainda omissos.

Conheci Everton, de 12 anos de idade, aluno da escola José Bonifácio e mestre-sala mirim, diz que participa ativamente do grupo da ladainha mirim há dois anos quando se deu inicio do projeto na escola, por não querer que essa cultura se acabe. A alegria de participar é grande em saber que um dia eles serão os representantes adulto de sua comunidade. Como os demais entrevistados, Everton participa das duas danças a do Marabaixo e do batuque, mas ficando o Batuque em destaque por conter mais alegria. Everton faz parte de um grupo de aproximadamente 18 entre crianças e adolescentes homens, mulheres não podem participar, nem Everton e nem outro

¹⁷ Forte que serviu de proteção para a cidade de Macapá contra a invasões de franceses e Portugueses no séc. XVIII.

¹⁸ Rezas em devoção ao santo celebrado.

¹⁹ Rezas com orações em latim realizado somente pelos homens, com o uso de instrumentos musicais: viola, reco-reco, tambor e sino.

²⁰ Bebida feita de gengibre e cachaça.

membro da ladainha souberam me explicar o motivo da não participação das mulheres, só dizem que na ladainha sempre foi representada pelos homens, e eles fazem apresentações em toda cidade e principalmente em sua comunidade.

A professora Socorro Lino, observou a necessidade de se criar um grupo para ainda criança e adolescente da comunidade pudessem aprender todo o ritual da ladainha, e se o grupo de foliões²¹ mirins para que estimulasse e incentivasse essas crianças a prática dessa atividade que é de tradição e que aos poucos estava sendo perdida e que as crianças não envergonhassem com a sua própria cultura. Ela diz de já ter enfrentado problemas na escola com a criança ter vergonha da própria cor, de seus cabelos e se sua própria dança que muitas das vezes era dita de danças de velho, dança que só fica rodando e que a preferencia era o baile²². Então, ela entrou em contato com o seu João, morador e mestre sala responsável pela ladainha dos adultos no Curiaú, que ficou surpreso pela iniciativa da professora e se prontificou em ajudá-la na organização do grupo, pois serviria de um preparo para os futuros foliões. E também organizaram na escola o Projeto “Curiaú Mostra a Tua Cara”, este projeto teve como objetivo divulgar as ações e cultura desenvolvidas na comunidade, hoje já se vê com frequência a participação de crianças e adolescentes não somente na folia, mas também nas danças do Marabaixo e do Batuque.

Com o projeto, as professoras observaram que as crianças não precisavam de professores para o ensino da dança e da folia, pois os próprios alunos, na maioria das vezes já tinham esses conhecimentos, mas era limitada a sua prática por não oportunizar momentos como apresentações em sua escola e comunidade. Após o desenvolvimento do projeto foi observado a participação efetiva dos alunos nos demais projetos da escola, são poucos os momentos que os alunos abaixam a cabeça, isso acontece na folia, mas é somente em sinal de respeito para com o santo homenageado.

Em relato da professora Socorro, na primeira apresentação dos alunos da Folia Mirim, “os pais dos alunos ficaram bastante emocionados com seus filhos e profetizaram em lágrimas que eles seriam os futuros foliões da comunidade”.

Durante a realização do Projeto Curiaú mostra tua cara, foram realizadas algumas atividades e entre elas a de desenho, essa atividade era para que os alunos desenhassem desenho mostrando do jeito que eles quisessem ser, alguns desenharam crianças e as pintavam de cor clara, a professora ficou preocupada com o feito, e indagou a seus alunos, e o motivo justificado por eles eram por que tinham vergonha da

²¹ Membro do grupo que organizam a ladainha (rezas em latim) para comemoração aos santos.

²² Encontros dançante com músicas internacionais, nacionais e regionais.

cor e de sua pele e informou que eles gostariam de ser branco, ser negro é muito ruim, o colega rir do seu cabelo, da sua pele, dizem que são macaco, urubu, e se eles pudesse mudar eles mudariam. Com o projeto realizado, atitudes como essa foram esquecidas e valorizadas pelas crianças, hoje há um entendimento de cor e sua valorização da cultura negra.

A responsabilidade também faz parte desse aprendizado. Em uma ocasião onde iria haver uma participação do grupo de foliões mirim, houve um atraso das autoridades participantes e o aluno Everton disse, já que ele era o mestre sala, o responsável pela ladainha, ele deveria iniciar a cerimônia por conta do horário marcado, não poderia haver atraso em respeito dos participantes presentes. Foi então que a professora verificou que os ensinos realizados pelos professores haviam sido compreendidos por eles, o respeito com o outro.

A professora pedagoga Deusiane, me informou que existem as duas danças na comunidade o Marabaixo e o Batuque, mas ela me disse que o Batuque que é a dança mais forte, mas praticada e apreciada para a maioria dos membros naquela comunidade.

Senhora Josefa Maria de Miranda, 82 anos de idade, mas conhecida por tia Zefinha esposa do Senhor João, Folião e mestre sala da comunidade do Curiaú de dentro, me informou que na comunidade são comemorados os festejos de alguns santos católicos como eles: no Curiaú de fora a Santa Maria e São Joaquim e no Curiaú de Dentro são: Santo Antônio, São Sebastião e São Lázaro, esse é o nosso grande motivo de dançar. E no Curiaú de Fora e no de Dentro, ambos se comemoram o Marabaixo e o Batuque, mas sendo o Batuque a Grande Festa, ela se emociona quando ao lembrar-se dos antigos festejo de Batuque, apesar se sua iniciação a dança se deu pelo Marabaixo quando em sua infância na ansiedade de participar das comemorações do Marabaixo pedia a sua mãe para fazer parte daquela festa, mas precisamente o dia da murta²³. Mesmo Zefinha não morando na comunidade, naquela época residia com sua família no bairro negro de Macapá, o bairro do Laguinho, mais seus pais sempre apreciaram e faziam questão da participação no Marabaixo também no Curiaú. Igual aos outros, não teve nenhum professor de dança, a ginga, o rebolado, o ritmo surgiram na apreciação das danças dos mais velhos e os versos dos Ladrões de Marabaixo também foram ensinados entre idas e vindas das festas e através de histórias contadas pelos seus pais e amigos da época. Hoje ela lamenta que as festas estejam sendo substituídas por músicas regionais e nacionais e com ritmos diferenciados dos praticados na comunidade, e ela

²³ Momento que se reveste o mastro com folhagem de murta que se ergue em frente à casa do festeiro o dono da festa.

tem medo que sua cultura seja esquecida. Mas sua paixão é o Batuque nele se encontra os instrumentos: 2 tambores, 1 amassa o som e o outro repinica, fazendo ter 2 som diferentes, pode ter de 3 a 5 pandeiros. O batuque representa a maior alegria para ela, quando bem tocado, não dá pra ficar parado, dar vontade de dançar e logo de beber uma cervejinha ou uma gengibirra e rodar pelo salão dançando.

Lamenta D. Zefinha pela mudança que está havendo no Batuque e no Marabaixo em relação de seu ritmo, que antigamente era mais lento, mais compassado, passou a ser um ritmo mais acelerado, em muitas das vezes os mais velhos não conseguem acompanhar, principalmente as quem tem problemas doenças nas pernas, por que deixou de serem arrastados os pés no Marabaixo para ser pulado pela rapidez do ritmo, como ela diz “dantes era calmo o Marabaixo era lento, era assim: big, big, big, big e hoje é beg big, beg big, beg big, beg big, aí tem que pular, dantes não, as mulheres ia arrastando as peunas...”. Na comunidade está havendo uma mudança nos ritmos, as vezes se misturam o batuque com o Marabaixo descaracterizando as danças, e os tocadores estão acelerando o ritmo.

Sebastião Menesses da silva, 53 anos de idade, lavrador, produtor de farinha, diz que o Batuque surgiu na comunidade através dos primeiros negros que ali se apropriaram da terra, serviam de diversão no seu uso do tempo livre e junto a dança eles criavam os versos com suas histórias relacionados aos acontecimentos na comunidade. Ele participa do batuque por que acha que não deve se perder essa cultura, que virou um hábito, um vício, e quando a pessoa toca é como se tivesse dentro dele uma emoção tão grande, que leva o tocador até ao amanhecer tocando com muita alegria e todos os participantes gostam. O material utilizado pra confecção do tambor ou macacos (instrumentos musical) do batuque é retirado do macaqueiro²⁴, com o tempo está sendo trocado por outros troncos devido a sua escassez, se faziam dois tipos de macacos, um com diâmetro maior para amassar o som assim ele saia mais roco e outro com diâmetro menor porem mais comprido para repinicar o som, além do mais o tocador tem saber tocar os instrumentos, não é só bater o instrumento, tem saber amassar e repinicar. Já diferente do Marabaixo, que se usa somente a caixa²⁵.

Com a organização dos grupos, Sebastião diz que em muitas das vezes eles estão preocupados somente em dançar e não se preocupa com a música, e na maioria, saem do ritmo, e que os grupos ficam mais interessados em participar e trazendo um

²⁴ Tronco de arvore da mata nativa, que é retirado quando está ôca, embora resistente por fora. O mesmo era limpo todo por dentro, lapidado por fora e cortado no tamanho certo do tambor.

²⁵ Instrumento feito de madeira e couro de carneiro, usado para a dança do Marabaixo

péssimo hábito para a comunidade. Dito por ele: “Um dos pontos negativos que os grupos trouxeram para o Curiaú e Macapá foi fazer o encontro dos tambores²⁶, levando para fazer apresentações de grupos da comunidade por pessoas que as vezes nem são da comunidade, somente para poder ganhar um dinheiro extra”.

Ele se lembrou de uma programação que houve na vila do Curiaú, em que os tocadores estavam tocando no batuque de uma forma rápida e que os dançantes não estavam acompanhando o ritmo, da forma correta, e seu amigo João paralisou a festa para poder rapidamente dar algumas orientações aos tocadores, e chamou outros dois batedores para amassar e repinicar e três batedores de pandeiros e em meia hora houve uma grande mudança no ritmo, a grande maioria dos presentes foram dançar no salão, inclusive Sebastião.

A dança para Sebastião é um prazer, igualmente o de almoçar e jantar. Também afirma que na comunidade não tem e nunca teve professor de dança, todos aprendem olhando os mais velhos, além do valor espiritual que ela traz, Comenta: *“...quando você está dançando, você esquece os problemas, você faz amigos, faz bem para mente, sendo a dança uma grande terapia . Aprendi a dançar olhando para as pessoas, não tive nenhum trabalho de um professor ensinando, é a mesma coisa se você chega num batuque e fica de braço cruzado olhando, como não tem exclusividade, por que todo mundo pode entrar e dançar, é só ter coragem e deixar a vergonha de lado e você olha para os outros e vai se metendo lá no meio e de acordo com seu molejo você vai se superando e nessa superação, as vezes você pode se sair muito melhor que aquele que está acostumado, porque tudo é uma capacidade de aprendizado de quem mais assimila as coisas e presta atenção, e se põem em prática, acaba ficando melhor que seu próprio professor”*.

Entre o Marabaixo e o Batuque, seu Sebastião prefere o Batuque por ser mais animado, se você quiser até dar cambalhota de emoção pode! O Marabaixo é tristeza. Ele parabeniza a escola por ter realizado o projeto Curiaú Mostra Tua Cara, estimulando as crianças à prática da Folia e com atividades de dança com seus alunos e professores. Mas pela falta de instrumentos para a folia mirins, os instrumentos são comprados nas lojas em Macapá, que antigamente todos eram confeccionados na comunidade, instrumentos como: pandeiro, reco-reco, banjo, viola, todos em tamanhos menores para as crianças da Folia mirim.

²⁶ Celebração e Encontros dos grupos afros e negros de Macapá, realizado na União dos Negros do Amapá - UNA.

Cintia das Chagas Silva, 33 anos de idade, filha de Sebastião de Menesses, me diz por ser tradicional o Marabaixo e o Batuque na sua comunidade, desde pequena a sua mãe já a colocava para a participação dos festejo, vestia de saias rodadas e ela com seus amiguinhos iam aprendendo junto com os outros adultos, ela acredita que: *“não tem um negro em sua comunidade que não goste de um tambor”*, essa é a maneira que ela se refere à dança do batuque, antes de escutar outras danças ela sempre se manifestou a atração pelos dois ritmos de sua comunidade, apesar de tocar outras músicas, mas nada comparado as duas citadas. O Marabaixo se dança na presença de tocador de caixa, não existe dançar em um mesmo lugar, onde o tocar vai os dançantes os acompanham. Já no Batuque é dançado no sentido anti-horário, os tocadores ficam ao centro e os dançantes ficam dançando ao redor os tocadores. A sua paixão pela dança está relacionada ao Batuque, por ser mais emotiva e contagiante. Como todas as dançarinas também não foi preciso auxílio de um professor, é quase impossível que um quilombola não saiba cantar, danças e tocar, o Marabaixo e o batuque, isso já faz parte de sua tradição.

4 - ARTIGO

DANÇAS DO MARABAIXO E DO BATUQUE: cultura quilombola e corporeidade na comunidade do Curiaú em Macapá-AP

Francisco Marlon da Silva Gomes²⁷
Márcio Xavier Bonorino Figueiredo²⁸

RESUMO: A pesquisa foi realizada com o objetivo de compreender qual o significado da dança do Marabaixo e do Batuque para crianças, jovens e adultos quilombolas do Curiaú. O interesse nessa investigação surgiu durante um ensaio fotográfico dos hábitos culturais dessa comunidade. Nosso interesse é saber o sentido que a dança imprime na vida das pessoas dessa comunidade descendentes de negros. Para desvendar a dança Marabaixo e o Batuque fizemos alguns questionamentos: Que sentido tem a dança para essa comunidade? Em que situações eles e elas dançam? Com quem aprenderam a dançar? Existe uma idade para aprender a dançar? O que representa a dança para os moradores do Curiaú? Que valores se fazem presentes nessas danças? Podemos observar em nossas andanças na comunidade que o Marabaixo e o Batuque são formas de resistência, de afirmação da existência, de liberdade de uma corporeidade negra quilombola territorializada que concebem o corpo em sua complexidade: ele não é visto apenas no seu aspecto físico. Ele é compreendido como movimento, sensibilidade, subjetividade, cultura, com suas histórias/memórias.

Palavras-Chave: Dança, Batuque, Marabaixo, quilombolas, corporeidade

MARABAIXO AND BATUQUE DANCE: QUILOMBOLA CULTURE AND CORPOREITY IN THE CURIAÚ COMMUNITY AT MACAPÁ CITY

ABSTRACT: The research was realized in the curiaú quilombola community, in Macapá city. The objective of this study is to comprehend what the “marabaixo” and “batuque” dance means to the “quilombolas” (descendant of slave who lives in the curiaú community). The interest in of the investigation appeared during a visit we did. We were there to take some picture and show the cultural habits of this community. So what we pretend through this observation is to know what “marabaixo” and “batuque” dance represents in their life. Why they dance “marabaixo” and “batuque”?; when they dance?; how did they learn this dance?; what age is appropriate to start learn the dance? how is this dance important to the community?; what values it brings to the community?. Marabaixo and Batuque dancing is a resistance act, having the power to act and speak without restrictions, a corporeity of the black people quilombola. In the curiaú community the body is seen like movement, sensibility, subjectivity, culture and a way to preserve their histories and memories.

Key-words: dance, batuque, marabaixo, quilombolas, corporeity.

²⁷ Mestrando em Educação Física pela Universidade Federal de Pelotas- UFPel.

²⁸ Professor do Curso de Pós-graduação em Educação Física da Universidade Federal de Pelotas - UFPel

INTRODUÇÃO

Este trabalho está intimamente ligado à minha trajetória de cidadão brasileiro do norte, mais precisamente do município de Macapá no estado do Amapá no extremo norte do Brasil, onde estão enraizadas minhas origens e preocupações com a formação humana.

Demarcar academicamente o lugar ao qual pertenço me fortalece e me abastece, para por em educação na diversidade, não apenas narrada, mas vivida, experimentada, enfim, tomada como parte de minha história de vida. Assim, este trabalho também sou eu, com minhas histórias de infância, juventude e adultez e com os olhares que trago, impregnados de vida, para poder pensar a dança sob o prisma da cultura e suas interfaces com a educação, com as memórias e com a cultura corporal.

O meu interesse nesta temática surgiu de um ensaio fotográfico dos hábitos culturais²⁹ que realizei ao coordenar em 2009 o Projeto de Esporte Atleta do Futuro desenvolvido pelo Serviço Social da Indústria – SESI/DR-AP, com a participação de 150 crianças da comunidade. Foi nesse momento que me aproximei sensivelmente desse lugar. Fui seduzido pela dança do Marabaixo e do Batuque, de origem africana, praticada pelos negros quilombolas descendentes de escravos e comunidade amapaense.

Observei as potencialidades representadas pelo acervo histórico-oral-expressivo presente nessa cultura. Fiquei me indagando, como a preservação da cultura, da dança do Marabaixo e do Batuque poderá contribuir na formação dos jovens, das crianças e dos adultos da comunidade e nas escolas públicas.

Neste sentido o objetivo da pesquisa foi compreender qual o significado da dança do Marabaixo e do Batuque para crianças, jovens e adultos quilombolas do Curiaú

Procuro compreender a representação social que a dança tem na vida das crianças, jovens e adultos descendentes de negros. Entendendo a dança como uma manifestação artística religiosa e cultural, esbocei alguns questionamentos: Como o Marabaixo e o Batuque “entram” na vida das crianças, jovens e adultos dessa comunidade? Como as memórias dessas danças se fazem presentes no cotidiano da comunidade? Ocorrem somente em datas comemorativas, de festas e/ou celebram a

²⁹ Produção da farinha de mandioca, desde colheita, ralação da mandioca, à extração do tucupi (líquido de cor amarelada extraído na mandioca após ralada e espremida), o assamento da farinha e o ritual do festejo realizado no período de agosto em celebração a São Joaquim.

vida, tal como ela é? Essas danças fazem parte do processo de escolarização das crianças? Que sentido tem a dança para essa comunidade? Em que situações se dança? Com quem aprenderam a dançar? Existe uma idade para aprender a dançar? O que representa a dança na e para as memórias dos moradores do Curiaú? Que valores estão imbuídos na dança? São questionamentos como esses que me motivaram a fazer esta investigação envolvendo a cultura quilombola nesta Comunidade.

Este trabalho justifica-se pela contribuição que este processo pode desencadear na comunidade dos quilombolas, envolvendo a participação dos adultos, jovens e crianças e as possíveis contribuições para outros estudos/pesquisas.

No ano de 2004, o Conselho Nacional de Educação aprovou o parecer que propõe as Diretrizes Curriculares para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Africanas e Afro-Brasileiras, diretrizes emitidas em complementação aos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), após muitos estudos e seminários.

Ferreira (2006), afirma que desde 1998, através dos PCN, foi feita a inserção da questão étnica dentro da temática da pluralidade cultural e também foi a Lei Federal nº 10.639/2003, que inclui no currículo escolar, o conteúdo de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, a serem ministradas em todas as disciplinas do currículo e, em especial nas disciplinas de Educação Artística, Literatura e História. Esse conjunto de leis criou novas oportunidades e a obrigatoriedade dos professores e professoras contemplarem como conteúdo a origem da Comunidade.

Descendentes de escravos negros, os quilombolas sobrevivem muitas das vezes nas antigas fazendas deixadas por outros proprietários. Apesar de existirem desde a escravatura, no fim do século XIX, sua visibilidade social é recente, fruto de luta pela terra, da qual, na maioria das vezes, não possuem escritura, mas tiveram seus direitos garantidos pela Constituição de 1988.

Em 1749, se estabeleceu no Estado do Amapá, mas precisamente no município de Mazagão o primeiro grupo de negros, formados por fugitivos do Estado do Pará, no qual fundaram um quilombo as margens do rio Anauerapucu. Ocasionalmente foram descobertos por caçadores de índios e para evitar outros encontros deixaram o local e foram mais para ao norte do Estado (Santos, 1998). Com medo de serem capturados pelos caçadores, os negros buscavam outros abrigos onde podiam caçar e pescar e assim, ter um lugar onde pudessem viver tranquilamente.

Em 1771, Com a criação da Vila de Mazagão, as 136 famílias que ali se estabeleceram, trouxeram 103 escravos, mas o maior contingente chegou quando da construção da Fortaleza de São José, com início em 1764 e concluída em 1782 (Santos 1998). Ainda Santos, acusa que os registros de 1788 constam 750 escravos, muitos remanescentes dos trabalhos do forte de Macapá, e que, nos dezoitos anos da construção, 29 escravos não agüentaram os excessos de trabalho e a brutalidade dos construtores militar e por doenças como: sarampo e a malária. Muitos desses negros escravos, inconformados com os maus tratos, rebelavam-se e fugiam formando os quilombos de Maruanum, Igarapé do lago, Ambé, Cunani e em destaque, o Curiaú (Santos, 1998).

Essa comunidade faz parte da formação cultural, econômica e política do Amapá. Portanto, ao conhecermos fragmentos da memória da comunidade do Curiaú, teremos oportunidades de valorizar as danças Batuque e do Marabaixo vivenciadas pelas crianças, jovens e adultos quilombolas, e assim, estaremos contribuindo para preservação da cultura, da história de luta, de resistência, de direito a vida.

Ao falar de memórias Bosi (2003, p. 15) salienta que:

A memória dos velhos pode ser trabalhada como um mediador entre a nossa geração e as testemunhas do passado. Ela é o intermediário informal da cultura, visto que existem mediadores formalizados constituídos pelas instituições e que existe a transmissão de valores de conteúdos, de atitudes, enfim, os constituintes da cultura.

Assim, neste sentido queremos levantar as memórias da dança do Marabaixo e do Batuque nessa comunidade, compreender seus significados a partir das vozes crianças, jovens, adultos.

Uma comunidade e suas singularidades: “localidade boa pra se criar gado”

Os motivos que faziam da região do Estado do Amapá importante para Portugal eram, dentre outros: a garantia de poder da Coroa; a proteção das riquezas extrativistas das minas de ouro da região, a agregação da população dispersa; a dinamização econômica da região (GOMES et al, 1999). Com a existência de ouro, Macapá era querida por muitos estrangeiros inclusive Portugal.

Como sustentáculo dessas atividades, se utilizou de mão-de-obra escrava, primeiramente do indígena, e depois do negro africano. Na edificação da mais

imponente a Fortaleza de São José, mega construção, que demorou 18 anos para ficar⁵⁶ pronta; e insatisfeitos com o tratamento adotado pelos portugueses, os cativos passaram a fugir mais ao norte e a se refugiarem no mato constituindo suas moradias chamadas de Quilombo do Curiaú, sendo a origem do termo controversa: os idosos dizem que o nome original é “Cria-ú” que significa “localidade boa pra se criar gado” (FOSTER, 2004).

Região próxima do núcleo urbano de Macapá, a APA é considerada um Sítio Histórico e Ecológico, é composto por cinco núcleos populacionais: Curiaú de Dentro, Curiaú de Fora, Casa Grande, Currallinho e Mocambo, cuja população é constituída de negros descendentes de escravos africanos, que ali originaram um quilombo, formadas por várias famílias, ligadas entre si, por laços de sangue e afinidade.

As comunidades quilombolas pesquisadas foram: o Curiaú de Dentro e Curiaú de Fora, nessa região tem cerca de 150 grupos familiar.

A área do Curiaú por apresentar características singulares que condiciona a existência e formação de habitats e nichos ecológicos variáveis tanto em origem quanto em extensão, é determinante para a presença de uma fauna representativa e variada. O Cerrado com suas Ilhas de Mata apresentam uma fauna típica para cada ambiente, onde a ordem dos pássaros está muito bem representada. Ainda neste ambiente existem os animais de médio porte, representados principalmente por roedores e répteis (CHAGAS, 1997). Todas essas espécies podem ser encontradas com facilidades na região.

Nos Campos Inundáveis, juntamente com seus igarapés e canais de drenagem, desenvolve-se uma ictiofauna³⁰ bastante diversificada e muitas dessas espécies é que constituem a base alimentar dos moradores como: a Traíra, o Jejú, o Tambaqui, o Tamoatá, o Aracú, e o Tucunaré, entre outros (CHAGAS, 1997).

A comunidade nos dizeres de Facundes e Gibson (2000) vive basicamente da agricultura de subsistência extensiva, atividade que, praticamente, apenas satisfaz às necessidades básicas da sua alimentação. Utilizando-se de técnicas primitivas e rudimentares, limitando o cultivo a pequenas áreas. Para a limpeza do terreno é feita a derrubada e posterior queimada e o preparo do solo com enxadas, o que acarreta o mau aproveitamento dos recursos do solo, e esgotando-o em pouco tempo.

As atividades agrícolas consistem principalmente no cultivo da mandioca para a produção de farinha e de hortaliças em pequena escala. Esse último é desenvolvido em

³⁰ Conjunto das espécies de peixes que existem numa determinada região biogeográfica.

áreas sob a influência de várzea e em cerrado, com o uso de técnicas envolvendo adubação mineral e orgânica, irrigação.

As culturas permanentes são resumidas àquelas de fundo de quintal nas pequenas propriedades rurais e nas imediações dos núcleos populacionais. Basicamente, são usadas apenas para o consumo local, com pouca conotação e importância comercial.

A criação de gado bovino está identificada com a história de ocupação de Curiaú e os moradores sempre dispuseram de algumas cabeças. Essa pecuária é um complemento da agricultura (SILVA, 2002 *apud* MARIN, 1997). A criação bovina é uma das principais atividades desenvolvidas no Curiaú e é praticada por pequenos criadores principalmente com a criação extensiva de búfalos, de gado bovino, de carneiros e de cavalos, em menor escala. A pastagem utilizada é natural, aproveitando as áreas de campos inundáveis que, além de abundantes, oferecem boas condições de forragens e baixos custos de manutenção.

O extrativismo representa um papel muito importante no regime alimentar das comunidades sendo a pesca uma das suas principais atividades, juntamente com a extração seletiva de madeira e coleta do açaí³¹ nas florestas de várzea. De forma menos significativa, há utilização da andiroba³² para a produção de óleo e coleta de outras espécies frutíferas próprias da várzea. No cerrado, são utilizadas várias espécies como ervas medicinais (FACUNDES & GIBSON, 2000).

A caça nas matas já foi abundante, mas hoje com a proximidade da cidade e a própria pressão nas zonas de caça, promovidas em alta escala por caçadores vindos principalmente de Macapá. A legislação ambiental levou a atividade a sair da área de prioridade dos moradores para conseguir proteína animal.

A comunidade sempre fez questão de manifestar sua cultura, não somente com a agricultura, piscicultura, como momento de lazer e religioso, a Dança é a e um hábito cultural forte. As danças do Marabaixo e o Batuque são de origens afros descendentes enraizadas na comunidade. São dançadas em celebração ao um santo católico e as participações dos negros são em massa, todos se envolvem nos festejos.

A Constituição Federal, em seu Art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias (ADCT/CF), garante: “aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o

³¹ ou Juçara é o fruto bacáceo, de cor roxa, que dá em cacho na palmeira conhecida como açaizeiro.

³² Árvore da família Meliaceae. O nome deriva de "andi-roba", a palavra tupi-guarani que refere as sementes desta árvore e que significa gosto amargo. É reconhecida oficialmente pelo Ministério da Saúde do Brasil como possuidora de propriedades fitoterápicas.

Estado emitir-lhes os títulos respectivos”. De acordo com o Decreto 4.887/2003, os quilombos são: grupos étnico raciais segundo critérios de auto atribuição, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida”. (Art. 2º do Decreto 4887, de 20/11/2003).

As comunidades remanescentes de quilombos no Brasil passam por situações delicadas que vai além da educação. Ela tem uma história de luta contra a opressão e a violência. Nos tempos da escravidão as lutas aconteciam em relação ao regime escravista. Na atualidade, ela se dá em relação à posse das terras quilombolas por grupos com poder político e econômico resultando, inclusive, em assassinatos e outras formas de violência.

Marabaixo e Batuque: corporeidade, dança na comunidade

Como diz Morin (1996), somos seres aprendentes, temos a capacidade de computar. Ensinar e aprender são características presentes em nossas vidas, que nos qualificam a superar os problemas que surgem e que criamos.

Na minha memória, trago as tentativas iniciais para nadar, andar de bicicleta, aprendendo a dançar. Quanto problema! Mas nem por isso desisti. Do mesmo modo as crianças do quilombo do Curiaú pelo simples ato de brincar manipulando os instrumentos musicais, entrando em sintonia com os ritmos africanos e de tanto manifestar esse desejo vão se tornando tocadores e dançarinos.

No Curiaú não é diferente, na dança, não existe na comunidade um professor “formal” para ministrar os primeiros ensinamentos do Marabaixo ou do Batuque, todos aprenderem experimentando, olhando seus pais, avós, primos e amigos. E aos poucos os quadris, os ombros, braços, pernas, o corpo todo é ritmo, música, expressão dessa cultura. Assim, através da experimentação, da vivência cotidiana surgem os passos, as coreografias, corpos dançantes, aprendizes de muitos ritmos.

Trago um fragmento das entrevistas de Sebastião e Cintia, que nos brindam dizendo: “o gosto e o prazer é mais forte pela dança, não sendo preciso de professores”. Refletindo, observando as festas da comunidade, fazendo registros através de fotografias percebemos que existem pessoas da comunidade que possuem a dança incorporada em suas vidas. Diríamos são dançantes que aprenderam a dança dançando. Portanto, essas pessoas vão ensinando a dança que apreenderam de seus antepassados,

as crianças poderíamos dizer que são “educadores dançantes” que se fazem na própria comunidade.

Observamos que nessa comunidade o mais marcante é a corporeidade. Como afirma Santos (2000) “sem dúvida, o homem é o seu corpo”. A população negra tem inscrito em seu corpo todo um passado de desaprovação e de estigmatização, com ônus diferenciado para a mulher negra (GONZALEZ, 1984). Os corpos são perpassados por diferenciações de raça, etnia, sexo, classe social, cor da pele, textura do cabelo, formato de nariz e lábios, cor dos olhos, dentre outros. Muitas vezes tais marcas são usadas para inferiorizar alguns segmentos, como no exemplo do padrão de beleza e de comportamento que valoriza a pessoa branca e rica, sobretudo o homem. Sabe-se que em nosso país a corporeidade branca é superestimada, embora o que predomina é uma grande variação étnico-racial da população.

Adquirimos em nossos corpos as marcas usadas ideologicamente para determinar os locais que devem ser ocupados por cada segmento social. Os espaços são desta forma, vividos diferenciadamente por negros e brancos (RATTS, 2004) não necessariamente exclusivos, mas de maneira hegemônica. Os espaços públicos de “acesso livre” a todos existem normas e regras que não estão nos estatutos jurídicos: “sobre este espaço se constitui e se desenvolvem assim códigos de condutas, códigos estes que são estabelecidos pelos relacionamentos, na co-presença e na coabitação” (GOMES, 2002, p. 163).

Neste sentido, muitos quilombolas reforçam em suas atitudes que alguns destes lugares não foram feitos para eles e sim para os “brancos”, deixando de terem as oportunidades de experimentarem o novo.

Deste modo, a participação no espaço público pela população negra é muitas vezes limitada, pois o racismo muitas vezes é vivenciado no corpo. Os olhares, as piadas, a indiferença são vividas a cada dia.

Um exemplo, disto foi retirado de uma conversa com a professora Socorro, que comenta um fato ocorrido na escola, com um aluno ao solicitar um trabalho sobre raça e cor ela diz: “ele não queria de ter nascido negro, porque ele tem vergonha da sua cor, seus colegas fazem piada do seu cabelo, da cor, só porque ele é negro. Se ele pudesse queria ser branco, e assim, ninguém ia ri de dele³³”.

A vergonha e o constrangimento declarado a professora por essa criança é um desabafo por não ser respeitado na sua escola como gostaria. Não que em sua escola

³³ Professora Socorro em entrevista – dia 19/04/2012

haja somente brancos, ao contrário, a maioria das crianças são negras ou morenas. Ser negro para eles é motivo de piadinhas para os colegas. A escola tem um papel importante em trabalhar a valorização das raças.

O corpo deste modo é uma expressão uma do racismo, de preconceito vivido. Gonçalves (2002, p. 278) enfatiza que:

Falamos, também, com o nosso corpo, pois eles portam os saberes nos gestos. Um negro no Brasil não entra numa agência bancária de cabeça erguida, olhando de um lado para o outro, procurando um amigo. Ele sabe, com seu corpo, o racismo que quase sempre o vê como um ladrão, o que pode lhe ser fatal, ou lhe proporcionar mais um momento de humilhação. Esse negro pode até não falar sobre racismo ou ter participado do movimento negro, mas ele, com certeza, sabe o racismo. O negro sabe que tem que entrar de cabeça baixa porque a sociedade é racista.

O corpo vive, convive numa dualidade marcada não apenas pela distinção entre as partes, mas também, e principalmente, pela distinção de valor, de importância.

Para alguns estudiosos, essa dualidade existe por ser de forma possível de se entender uma das principais características do corpo: a de ser sujeito e objeto ao mesmo tempo. Merleau-Ponty (1999) diz que, o corpo é uma simultaneidade de sujeito e objeto, existindo num espaço-tempo e servindo de referência centrada ao processo perceptivo. Essa simultaneidade Merleau-Ponty destaca o aspecto fenomenológico do corpo, um corpo sensível e inteligente, ou seja, um corpo que sente e que idealiza, simultaneamente; um corpo que é datado e localizado espacialmente, o que significa dizer que tem, na sua constituição, as influências de sua época e do lugar onde se faz.

Sempre estamos de alguma forma negando o nosso corpo. Negando nossas experiências e as experiências de nossas crianças, jovens e adultos. Portanto, necessitamos refletir para construir uma práxis pedagógica que venha a recuperar a sensibilidade esquecida, com abertura de novas possibilidades que se confirmam numa lógica do sentir, do saber amar, do tocar, do viver com plenitude e transcendência.

É representada através de gestos, expressões e movimentos corporais associados aos ritmos, no dizer do Coletivo de Autores (1992, p.82) que:

Considerada uma expressão representativa de diversos aspectos da vida do homem, como linguagem social que permite a transmissão de sentimentos, emoções da afetividade vivida nas esferas da religiosidade, do trabalho, dos costumes, hábitos, da saúde, da guerra.

Podemos entender a dança como uma herança dos nossos ancestrais, expressão da nossa condição humana manifestada nas diferentes culturas.

Perguntamos como Dança do Marabaixo e do Batuque se “mostra” nessa comunidade a partir das falas das crianças, jovens e adultos?

Sabemos que na sua origem é considerada arte, sendo a manifestação mais antiga artística criada pelo homem. No resgate da história da dança constatamos que as manifestações dançadas (rituais e cultos primitivos) antecedem às formas de comunicação verbal, ou seja, em sua evolução, “o ser humano dançou antes de falar. Esta foi sua primeira manifestação social que sempre serviu para auxiliá-lo a afirmar-se como membro da sociedade” (BREGOLATO, 1994, p.57).

Partindo da ideia de que os povos primitivos dançavam sem precisar de aulas para isso, e se comunicavam pela dança, é impossível aceitar quando as pessoas, dizem que não sabem dançar. Todos sabem dançar, muitos não sabem que sabem.

Para Bregolato (1994, p. 58) “A dança exprime a alma de um povo, as características de sua formação étnica, seus hábitos, as tradições de seus costumes, um ritmo próprio expresso no compasso de suas músicas”. Para essa autora a dança, tem mudado assim como a cultura humana, pois ela é criada por pessoas que pertencem a diferentes culturas que possuem suas singularidades próprias.

Marques (2007), diz que o ensino da arte tem sofrido as conseqüências de posturas racionalistas, e a escola está fundada em valores: A arte, frequentemente associada ao trabalho manual, foi também associada à condição escrava, não é de ser admirar, portanto que uma arte como a dança, que trabalha diretamente e primordialmente com o corpo, tenha sido durante séculos “presa nos porões e escondidas nas senzalas”: foi banida do convívio de outras disciplinas na escola, ou, então, atrelada ao tronco e chicoteada, até que alguma alma boa pudesse convencer “o feitor” de sua “inocência”.

Sabemos que durante a escravidão a senzala era o único lugar em que os escravos podiam expressar suas danças, seus ritmos, seus cantos ficavam restritos a esses espaços.

Através da Dança do Batuque e do Marabaixo os quilombolas do Curiaú preservam a sua cultura na comunidade, criam interações com a sociedade amapaense e de outros estados.

O Batuque é a dança com mais aprovação, o Marabaixo tem um significado de tristeza como conta Esmeraldina³⁴, “... as pessoas costumam abaixar a cabeça, e outras que não entendem às vezes pedem para levantar, mas elas não compreendem o verdadeiro significado, o Marabaixo que representa a tristeza”. Ainda Esmeraldina fala do Batuque como: “... é alegria, é o momento onde os participantes celebram a liberdade, uma boa colheita” -, fazendo disso um momento de lazer, de tempo livre, um descanso lúdico e prazeroso.

Podemos observar durante o tempo em que estivemos envolvidos na comunidade que inúmeros estudantes circulam por lá em busca de informações sobre essa comunidade. Em contrapartida os grupos organizados de dança do Marabaixo e de Batuque têm participações em palestras, seminários, congressos, exposições de artesanato e em eventos em outras cidades do Brasil e do Exterior.

Um exemplo, é a fala de Dona Esmeraldina que afirma: O governo do Estado realizou o projeto “Viva o canto do Quilombo”, nas escolas da cidade, foram apenas um encontro com os alunos e eles ficaram ainda muitos tímidos com a nossa presença. A missão era apresentar aos Mapaenses o que é o Marabaixo e o Batuque. São danças quase parecidas, mas com significados e instrumentos diferentes. Poucos foram os participantes, mas foi o começo para o projeto³⁵.

Esse ganho cultural contribuiu nessa comunidade para que eles se transformassem de pessoas tímidas em pessoas confiantes da força de sua cultura. Observamos nas entrevistas que muitas pessoas puderam através da dança conhecer outras cidades e até mesmo fazer apresentações em eventos para personagens políticas que eles só conheciam pela televisão.

A dança representa a comunhão cultural, enfatiza o conhecimento de idéias costumes de uma geração a outra, sobretudo nas formas folclóricas. Baseando-se em tradições, essas formas prolongam no tempo o espírito de comunidade, sendo inegável o seu valor cultural.

As brincadeiras cantadas e as danças constituem o acervo imaterial da cultura oral do povo amapaense. Por meio das danças e brincadeiras as pessoas conhecem as qualidades do movimento, intensidade, duração, direção, sendo capaz de analisá-los a partir destes referenciais; conhecem técnicas de execução de movimentos e utilizam-se

³⁴ Dona Esmeraldina, entrevista em 15/11/2011.

³⁵ Entrevista de Esmeraldina dia 15/11/2011

delas; são capazes de improvisar, de construir coreografias, e, por fim, de adotar atitudes de valorização e apreciação dessas manifestações expressivas, (BRASIL, 1997).

Os caminhos da Pesquisa: Procedimentos Metodológicos

Nesta pesquisa fizemos uso de entrevistas abertas, que para Duarte (2005), se caracteriza por ter um tema central que flui livremente, sendo aprofundado em determinado rumo de acordo com aspectos significativos dado pelo entrevistador enquanto o entrevistado define a resposta segundo seus próprios termos, utilizando como referência seu conhecimento, percepção, linguagem, realidade, experiência. Portanto, um estudo de caso por haver somente um objeto a ser estudado buscando com isto aprofundar, detalhamento do objeto em estudo. Neste caso, a dança do Batuque e do Marabaixo.

Nas palavras de Goldenberg (1997, p. 34) o estudo de caso pode ser entendido, pois: “Reúne maior número de informações detalhadas, por meio de diferentes técnicas de pesquisa, com o objetivo de apreender a totalidade de uma situação e descrever a complexidade de um caso concreto [...] possibilita a penetração da realidade social, não conseguida pela análise estatística”.

Nesta pesquisa além do objetivo de compreender qual o significado da dança do Marabaixo e do Batuque para crianças, jovens e adultos quilombolas do Curiaú, ainda queremos saber: Como as memórias dessas danças se fazem presentes no cotidiano da comunidade? Ocorrem somente em datas comemorativas, de festas e/ou celebram a vida, tal como ela é? Essas danças fazem parte do processo de escolarização das crianças? Que sentido tem a dança para essa comunidade? Em que situações se dança? Com quem aprenderam a dançar? Existe uma idade para aprender a dançar? O que representa a dança na e para as memórias dos moradores do Curiaú? Que valores estão imbuídos na dança? São questionamentos como esses que me motivaram a fazer esta investigação que envolve a cultura quilombola nesta Comunidade.

Na realização da pesquisa inicialmente entrei em contato com a presidente da Associação da Comunidade do Quilombo do Curiaú, Josineide Araújo que conheci quando fui coordenador do Programa Atleta do Futuro, projeto social, esportivo desenvolvido pelo SESI Amapá.

Fiz a solicitação de autorização para realizar a pesquisa na comunidade, através de um ofício. Ainda na oportunidade explanei o projeto e o termo de autorização da

pesquisa livre esclarecido a ser assinado pelos entrevistados, informando que se tratava de uma pesquisa do Mestrado em Educação Física em realização na Universidade Federal de Pelotas no Rio Grande do Sul.

Após obtermos o aceite da Presidente da Associação e a sua indicação de pessoas envolvidas com a dança na comunidade formamos um “mapa” dos entrevistados e entrevistadas constituídos por: Dona Chiquinha, de 93 anos, ex-lavadeira, aposentada pelo Instituto Nacional do Seguro Social dançarina de Marabaixo e Batuque, genitora de Esmeraldina e do tocador e instrumentista Pedro bolão, Esmeraldina 56 anos escritora de causos, de livros infantis, empreendedora, Pedro do Rosário 53 anos, mais conhecido como “Pedro Bolão” tocador e construtor instrumentos do Marabaixo, a professora/bibliotecária Socorro Lino de 52 anos da Escola Estadual José Bonifácio e Deusiane 38 anos, ambas as pedagogas responsáveis pela organização do Grupo da Ladainha Mirins. A professora Rosália 40 anos responsável pelo Grupo de Dança da Escola, a professora Sheila 33 anos trabalha com Literatura Infantil, e Giovana 36 anos vigilante e organizadora do Grupo de Dança na Comunidade, Everton, 12 anos, aluno da escola, integrante e organizador da ladainha Mirim, a Dona Josefa Maria de Miranda, 82 anos, mais conhecida por tia Zefinha, Sebastião de Menesses, 53 anos escritor e contador e história e sua filha Cintia das Chagas Silva, 33 anos, vigilante e do Grupo de Dança na Comunidade.

Assim, construímos um “mapa” das pessoas a serem entrevistados integrantes de grupos na comunidade, donas de casa, construtores de instrumentos, tocador de instrumentos, contadores de histórias, professoras responsáveis por grupos de danças nas escolas, aposentadas, escritora de causos, vigilante, crianças que dançam na comunidade e nas escolas.

O Marabaixo: Simbolizando tempos passados nas senzalas

Começamos com uma epígrafe garimpada na fala de Esmeraldina do que simboliza a dança do Marabaixo: “A dança com os pés juntos representava as correntes postas nos pés dos antigos escravos, por isso que os passos do Marabaixo são lentos e com arrastar dos pés, os vestidos com anáguas, na representação das vestimentas da época³⁶”.

³⁶ D. Esmeraldina em Entrevista em 15/11/2011.

Já há autores que elaboram associações etnológicas da palavra, remetendo às origens histórico-geográficas dos africanos desembarcados em Mazagão, como pretende Fernando Canto (1998, p. 18-9): O termo marabaixo é provavelmente uma variação de marabuto ou marabut³⁷, Portanto, é apenas um resquício ou fragmento do ritual malê, do grande Império afro-sudanês do século. Contudo, muitos pesquisadores defenderam o contrário: [...] nada se sabe com segurança sobre sua origem, havendo quem a diga de procedência bantu, sem esclarecer, porém, se do Sul ou do Oeste [...]. (PEREIRA, 1951, p. 12).

Estes africanos, apesar das adversidades do cativeiro, fizeram da música e da dança uma maneira de lembrar-se de si como ser humano, uma manifestação esteticizada de sua identidade. A música, repleta de imagens e sentidos de um passado distante, mitificado, que seria reelaborada a partir das referências locais, advindas, sobretudo, do catolicismo popular.

São muitos os significados atribuídos ao Marabaixo. Uma das versões (QUINTELA, 1992, p. 9), repleta de romantismo, diz que o ritmo da batida dos remos nas caravelas que levavam os negros mar-a-baixo, da mãe África ao Brasil, teria sugerido a denominação e até mesmo a batida das caixas. Já Pereira (1951, p. 12), reconhece a impossibilidade de uma definição sobre a origem do termo, nos diz: "Ligar-se-á, por acaso, às longas e dramáticas travessias do Atlântico, ao léu das correntes marinhas e dos ventos alísios".

A dança do Marabaixo surgiu no município de Mazagão Velho, situado a 36 km de Macapá pelos negros fugitivos, utilizando-se hoje como lazer, atualmente dançam para homenagear os seus entes queridos, aquele escravo que por muito tempo foram oprimidos e maltratados e louvar seus santos católicos. Seus movimentos corporais foram criados, reproduzindo com nas memórias dos movimentos dentro das senzalas.

Como observarmos nas fotografias calça branca e camisa floridas para os homens e as mulheres saias largas e estampadas até os tornozelos com anáguas simbolizando as antigas vestis dos escravos.

Hoje se dança o Marabaixo com blusas com rendas, com a mesma cor da saia, com colares, flor na cabeça representando sua vaidade das mulheres. Criando-se um padrão entre os grupos de dança.

Coloridas no ombro a toalha serve para enxugar o suor, colares coloridos enfeitam o corpo e flor no cabelo para não se desfazer da vaidade.

³⁷ Do árabe Marabut, sacerdote do malês.

A seguir apresentamos várias fotografias que fazem parte do contexto da ⁶⁶ pesquisa e cuja fonte é do autor desta pesquisa – Francisco Marlon.



Fig. 1: Dançarina de Marabaixo.



Fig. 2: Homens e Mulheres dançando

Com a palavra mulheres dançantes: os “ladrões”, cantos, versos, cultura

“Ladrão” no Marabaixo significa uma canção improvisada e rimada composto pelo cantador. Também leva este nome pelo fato de muitas vezes outro cantador se aproximar e “roubar” a vez de cantar seus improvisos. Os versos são feitos de histórias de suas vidas, às vezes de rimas feitas na hora da dança, como o verso acima que conta a tristeza em relação a um feitiço feito para uma família, onde resultou a morte de quase todas as pessoas da família. O maldito mata, mata³⁸, eis um exemplo, de um autor desconhecido:

Ai, meu Deus, ai meu Deus	
Maldito mata-mata	bis
Estava na minha roça	
Mandioca eu fui ralar	bis
Quando eu recebi notícia	
Do maldito mata-mata	bis
Deus quando fez o mundo	
Fez toda separação	bis
Separou água da terra	
Da nossa labutação	bis
Ai meu Deus, ai meu Deus	
Da nossa labutação	bis
Essa sina essa sina	
Essa sina e essa sorte	bis
Antes assim fosse à vida	
Do que na hora da morte	bis

A maioria dos ladrões de Marabaixo é referente a causos tristes que aconteceu em anos passada, por isso, Esmeraldina e sua mãe fica triste e em muitas das vezes chegam a chorar ao cantarem. A emoção toma conta da festa e ambas são envolvidas a tristes lembranças, Dona Chiquinha, mãe de Esmeraldina verbaliza que:

Num festejo de Marabaixo lá na Casa Grande, eu não conseguiu cantar toda a música! Senti uma forte emoção, senti saudade da minha mãe, do meu pai, do meu filho e do meu esposo que já morreram e chorei de saudade da minha família³⁹.

Já Dona Chiquinha, expressa que antigamente conseguia dançar o Marabaixo sem dificuldade, hoje os novos batedores extrapolam o ritmo, ficando acelerado e dificultando os passos da dança, as batidas eram de uma forma que soava bem, dizendo num trecho da entrevista que: “... o Marabaixo era lento, era assim: big, big, big, big,

³⁸D. Esmeraldina entrevista em 15/11/2011

³⁹D. Chiquinha - entrevista em 15/11/2011

big, big e hoje é beg big, beg big, beg big, beg big, aí tem que pular, dantes não, as mulheres ia arrastando as peunas...⁴⁰”.

No Curiaú, somente em comemoração a Santa Maria no Curiaú de Fora, se dança o Marabaixo, o forte dessa dança se dá em Macapá, no Bairro do Laguinho e no Central, onde há ainda várias famílias descendentes de quilombo, que preferem o “conforto da cidade”. E os demais santos são comemorados ao som do Batuque.

O Batuque: “celebrando a alegria, liberdade, uma boa colheita

É uma dança negra mais expressiva encontradas no Amapá. Com raiz afrodescendentes praticada pelos quilombolas do Curiaú há séculos, tem um sentido de celebrar a alegria e liberdade. É dançado na maioria das vezes por duas pessoas, o homem sempre cortejando a mulher, usando o corpo em molejos como se tivesse em cima de uma prancha de surf, com braços abertos, fazendo giros junto com a dama. Já o homem quando quer paquerar vai à frente da dançarina, se aproxima fazendo a guarda⁴¹. Se ela se interessar responde com o mesmo gesto. Caso contrário, gira e sai dançando em outra direção. Isto significando que não está interessada.

O vestiário no batuque, são muito parecidas às roupas do Marabaixo, só se diferenciam não há preocupações com a cor das roupas iguais as dos dançantes, mas sua característica está nas saias rodadas e longas e com as camisas com cores. Os homens também não possuem roupas iguais, dançam de calça ou bermudas, alguns usam camisas coloridas.



Fig. 5: Mulheres dançarinas de Batuque

⁴⁰ Chiquinha entrevista em 15/11/2011

⁴¹ Abre os braços, protegendo-a.

Uma maneira de fazer que a dança do Marabaixo e do Batuque fossem conhecidas, na comunidade e em outras comunidades em outros rincões ocorreu a partir da iniciativa da moradora Giovana. Vigilante, dançarina, que organizou um grupo de dança para apresentação com uma agenda, confeccionou as roupas para o grupo quando é solicitado a se apresentarem em eventos. O grupo se prepara com antecedência, organizam o transporte, pois antes ficavam horas as esperas do transporte e às vezes não apareciam.

Eis um trecho de uma entrevista, que dá indicativo desse processo vivido:

Antigamente o grupo era solicitado pelas pessoas quando queriam apresentação de dança, mas isso acontecia sem antecedência mínima, e muitas das vezes os moradores não se organizavam e quando os responsáveis chegavam era tudo na correria e alguns ficavam de fora, não ia, isso não era bom para comunidade⁴².

Portanto, assim temos um exemplo, de como a comunidade foi superando as dificuldades para divulgar a cultura da dança do Batuque e do Marabaixo em outras localidades.

Celebrar os santos devotos: Cânticos, preces, ritmo constante, bonito, quase monótono...

Um som metálico de uma sineta indica o início das Ladainhas. Pouco a pouco a capela se enche. Junto ao altar do santo quase totalmente escondido atrás de fitas multicores. O mestre sala, membro responsável pela organização da folia com o grupo de ministro músicos começam a música e a reza. Todos de camisa brancas, muito limpas, deixam transparecer a importância do momento.

Cânticos e preces se sucedem, num ritmo constante, bonito, quase monótono, sem pausa, repetem-se varias vezes o Pai Nosso e a Ave Maria.

⁴² Entrevista com Giovana em 24/04/2012



Fig. 6: Grupo da Folia Mirim



Fig. 7: A ladainha.



Fig. 8: Ladainha mirim



Fig. 9: Ladainha, pedido da bênção ao santo.

O grupo dos foliões mirim é organizado pelas professoras Socorro Lino que é bibliotecária e a pedagoga Deusiane, ambas da escola da comunidade. O grupo foi criado com intuito de resgatar e valorizar a folia⁴³. Foi observada pelas professoras a necessidade de ensinar as crianças esse ritual.

Na escola Estadual José Bonifácio, a única da Comunidade quilombola, onde é oferecido somente o ensino Fundamental, possui um grupo de dança de Marabaixo e Batuque, onde a professora Rosália, de 40 anos de idade, organiza os alunos para pequenos encontros. Ela disse que não é necessário ensaiar os passos, são apenas encontros para que os alunos pratiquem é uma maneira de interagirem entre eles, diz ela: “não treinamos os passos. Faço isso para não ficar uma dança técnica, ela deve fluir livremente pelos alunos, eu não cobro deles a perfeição, com isso, eles conseguem transmitir seu sentimento através do Movimento Corporal, adquirido na comunidade”.

Nesta mesma instituição, é trabalhada a cultura afrodescendente de seus antepassados e inclusive a religiosidade que nela é bastante frequente. Esse grupo de meninos que participam da ladainha⁴⁴ mirim é só de meninos, as meninas não participam, já é de tradição a ausência das delas. Na ladainha se destaca o Everton de 12

⁴³ Resas com orações em português e em latim realizado somente pelos homens, com o uso de instrumentos musicais: viola, reco-reco, tambor, banjo, pandeiro e sino.

⁴⁴ Resas católicas em latim.

anos, que é o mestre-sala⁴⁵, este grupo é organizado pelas professoras Socorro Lino, de 52 anos de idade, bibliotecária e a Professora Deusiane, de 38 anos de idade pedagoga ambas da escola. O grupo foi organizado pela preocupação da extinção da ladainha pelos adultos, visto que poucos adultos estavam fazendo parte deste ritual, com isso as professoras sentiram a necessidade de criar o grupo com crianças, que serão um de grupo dos foliões no futuro.

A devoção é expressa corporalmente, como podemos ver nas figuras 8 e 9 a cima. O respeito e o entusiasmo em participar do grupo e a devoção ao santo.

O batuque do Curiaú começa logo após a folia. Nesta ocasião todos os devotos devem obediência ao Mestre-Sala, este representado por Sebastião, Mestre-Sala dos adultos. Ele dirige todo o ritual. Se achar que um dos devotos não se comportou, não cumpriu as obrigações religiosas, no dia em que comparece à folia, terá que “pagar prenda”. Essa prenda consiste em ter que rezar ajoelhados, encoberta com bandeiras do santo. Assim que ele terminar de rezar os foliões dão um sinal com os instrumentos.

O Mestre-Sala do Grupo Mirim é o adolescente Erivelton, que conta como se deu sua participação: “quando as professoras me convidaram para fazer parte da ladainha eu fiquei contente, porque sempre vi meu avô participar e eu dizia que um dia eu ia participar também, e agora vou poder participar na escola”⁴⁶.

Há um grande respeito ao Mestre-Sala e ao ritual, mesmo as crianças têm um comportamento impecável.

Batuque e seus instrumentos: Os ritmos dos seculares tambores – o “macaco”

Podemos observar no fragmento de uma entrevista de Sebastião que anuncia:

... Quando você está dançando, você esquece os problemas, você faz amigos, faz bem para mente, sendo a dança uma grande terapia. Aprendi a dançar olhando para as pessoas, não tive nenhum trabalho de um professor ensinando, é a mesma coisa se você chega num batuque e fica de braço cruzado olhando, como não tem exclusividade, por que todo mundo pode entrar e dançar. É só ter coragem e deixar a vergonha de lado e você olha para os outros e vai se metendo lá no meio e de acordo com seu molejo você vai se superando. Nessa

⁴⁵ O membro participante responsável pela organização e andamento ladainha, sendo este respeitado por todos. Podendo o mestre sala dá um castigo (punição) para o participante que no desenvolvimento da ladainha comportar-se de forma inadequada com brincadeiras e desrespeito ao outro. O nome se deu pela necessidade de ter uma pessoa responsável pelo evento, se deu o nome de mestre e era realizado nas salas das casas, assim ficou, mestre-sala.

⁴⁶ Everton – entrevista em 20/04/2012.

superação, às vezes você pode se sair muito melhor que aquele que está acostumado. Porque tudo é uma capacidade de aprendizado de quem mais assimila as coisas e presta atenção, e se põem em prática. Acaba ficando melhor que seu próprio professor⁴⁷.

O ritmo estonteante dos seculares tambores chamados de “macaco”⁴⁸ é tocado no chão e com as mãos (o que se diferencia do Marabaixo).



Fig. 10: Tocadores de tambor de Batuque

Os batuqueiros tocam os tambores sentados sobre estes, que ficam superpostos num tarugo do acapu⁴⁹. Mas é o cantador que dá o ritmo e os dançarinos se espalham pelo salão, se dança em sentido anti-horário. Os tocadores ficam ao centro da roda, enquanto os dançantes fazem rápidas evoluções sobre si mesmas e ao redor dos batuqueiros. Antes se prepara uma fogueira que permanece acesa com a missão de esquentar o couro dos instrumentos. São dois os “macacos”, um de repenicar e outro de marcar o ritmo chamado de amassador. Cada um deles tem a forma cônica e mede cerca de um metro de comprimento. São utilizados também três pandeiros confeccionados há muitos anos com a madeira do cacaueiro e de couro de carneiro ou de sucuriju, que fazem parte do ritmo quente do batuque.

⁴⁷ Sebastião de Menezes – entrevista em 20/04/2012

⁴⁸ Porque são feitos do tronco de uma árvore que se chama macacaueiro e de couro de animais.

⁴⁹ Madeira de lei da região.



Fig. 11: Aquecendo o Bandeiro



Fig. 12: Aquecendo o couro do pandeiro



Fig. 13: Tocadores de Pandeiro no Batuque

Crianças e adultos juntos... Aprendizes de ritmos, danças... Vida

Mostramos como os instrumentos que fazem parte da dança do Marabaixo e no Batuque como esses conhecimentos são ensinados as crianças, que aprendem vendo os adultos dançarem. Portanto, uma clara evidência que aqueles/as que dançam são criadoras também dos sons, ritmos, corporeidade – músicas.

Pedro Rosário mais conhecido “Pedro Bolão” é amante do Marabaixo, e confecciona instrumento musical. Este conhecimento foi aprendido com o pai. Ele também organiza o Grupo Mirim de Marabaixo, os encontros é em sua casa, ele fala da importância da construção dos instrumentos:

Eu comecei a fazer as caixas, por que já estavam aparecendo instrumentos vindos de fora da comunidade, estes instrumentos são davam um bom som. E essas pessoas que faziam não se preocupavam com isso, achavam que podia ser feito de qualquer forma. Aí eu resolvi ensinar na comunidade para as crianças, para que elas

aprendessem a construir seu próprio instrumento. Isso aconteceu igualmente com o pandeiro e os tambores utilizados no batuque, que também fazemos aqui, com nossas madeiras e sobra de caixas usadas e com couros de carneiro e búfalo⁵⁰.

Portanto, vemos que as crianças aprendem a construírem os instrumentos de som através dos conhecimentos que os adultos da comunidade que detém esse conhecimento e se dispõe a ensiná-los. Neste exemplo, Pedro Bolão repassa o seu conhecimento ensinando o preparo do instrumento. Ele afirma que os instrumentos estavam sendo construídos por moradores do centro de Macapá, que não fazem parte cultura da comunidade e não dominavam a técnica correta de construção.

Os tambores chamados de *caixa*⁵¹ de Marabaixo, que por muitos anos foram construídos de forma artesanal, confeccionado com couro de animais, como cobra (sucuriçu, jiboia), bode, madeira do macaqueiro⁵², hoje utilizado também por qualquer outra madeira. E são tocados com um pequeno bastão de madeira (baqueta). Podemos observar nas fotografias os vários tipos de instrumentos que são construídos na comunidade.



Fig. 3: Caixa de Marabaixo



Fig. 4: Caixa de Marabaixo

Os instrumentos são aprendidos pelos adultos e crianças, isso implica somente um tempo longo período de participação nos eventos, para após experimentar e praticar,

⁵⁰ Pedro Bolão – Entrevista em 15/11/2011

⁵¹ Instrumento feito de madeira e couro de carneiro, usado para a dança do Marabaixo

⁵² Tronco de árvore da mata nativa, que é retirado quando está ôca, embora resistente por fora. O mesmo era limpo todo por dentro, lapidado por fora e cortado no tamanho certo do tambor.

às crianças se esforça para adquirir esses conhecimentos – confecção dos instrumentos aprenderem a tocar e serem os futuros tocadores.

Abaixo as imagens são exemplos claros de um desses momentos. Onde o tamanho do menino, ladeado por um adulto contrasta com o tamanho do pandeiro. Onde a compenetração mostra a seriedade vivida nesse ato de aprender por crianças e adultos.



Fig.14, 15, 16 - Criança batendo tambor, pandeiro e ao lado de um tocador.

A dança para Sebastião de Menezes, mentor, folião, mestre sala dos adultos fala que: “é um prazer, igualmente ao de almoçar e de jantar”, “na comunidade não tem e nunca teve professor de dança, todos aprendem olhando os mais velhos e amigos”. Além do “valor espiritual” que a dança traz, diz o que representa para ele, e para muitos que não são da comunidade “é simples modo de dançar”.

Cintia Chagas, filha de Sebastião de Menezes, desde pequena sua mãe já a colocava para a participação dos festejos, vestia de saias rodadas e ela com seus amiguinhos iam aprendendo junto com os outros adultos, ela acredita que: “não tem um negro na comunidade que não goste de um tambor⁵³”, essa é a maneira que ela se refere à dança do batuque. Como todas as dançarinas ela afirma: “... não tive um professor de batuque ou Marabaixo, é quase impossível que um quilombola não saiba cantar, danças e tocar, isso já faz parte da nossa tradição⁵⁴”.

⁵³ Cintia Chagas entrevista em 08/04/2012

⁵⁴ Idem ao anterior.

Na dança sob o som do batuque entram homens, mulheres e crianças de todas as idades. Quando o ritmo se intensifica forma-se um espetáculo sem igual. As saias rodadas e coloridas das mulheres tomam conta da sala quando fazem evolução.

Os gritos e as quedas de corpos que os homens experimentam também colorem os movimentos da dança. Todos os quem assistem podem participar da festa.



Fig. 17: Traje feminino do Batuque



Fig. 18: Mulheres e crianças dançando o Batuque



Fig. 19: Mulheres dançando o batuque



Fig. 20: Cantadores de Batuque

O Marabaixo, o Batuque passa por transformação quanto ao ritmo. “Tocadores” que não conhecem essa cultura musical, os instrumentos mudam os ritmos o que incômoda as pessoas mais velhas.

Sebastião lembra em uma de suas “conversas” de um festejo na vila do Curiaú:

Houve aqui na vila em uma festa, em que os tocadores estavam tocando no batuque de uma forma rápida e que os dançantes não estavam acompanhando o ritmo, e meu amigo João, fez parar a festa para poder rapidamente dar algumas orientações aos tocadores, e chamou outros dois batedores para amassar e repinicar e três batedores

de pandeiros e em meia hora houve uma grande mudança no ritmo, grande maioria dos presentes foram dançar no salão, inclusive eu⁵⁵.

As letras parecem com as do Marabaixo, são feitas com versos de histórias que falam sobre alguém ou algo que aconteceu na comunidade chamada de “bandaias”.

Abaixo, grafamos duas “bandaias” de autores desconhecidos. Ambas cantadas por Dona Chiquinha.

Dia 26 de agosto
Deus me queira valer
Houve um grande barulhão
Pela moda do trevêle.

Pela moda do trevêle
Eu vi duas mulheres brigar
A Josefa Borboleta e
A Maria Tacacá

Lá vem o Ofázio
Andava como corria
Para desapartar o rolo
Da Josefa com a Maria

A Maria foi quem disse
Eu vou te dá-te na boca
Pra ti deixar o meu nome
E saber que não sou sopa

A Maria Tacacá
Só contava pavulagem
Quando encontrou com a Josefa
Eu não conheci vantagem...

Já a outra Bandaia do Batuque anuncia que:

Me chamaram de puxa-saco
Puxa-saco eu não sou
Só vim dar o convite
Conforme o homem mandou.

As quatro horas da tarde,
Quando o rádio falou
A notícia que eu vou te dar
É que o território acabou.

⁵⁵ Sebastião entrevista cedida em 15/11/2011

Se este território acabar o que será dos arigós,
Tenho pena dos arigós
E de meus parentes brasileiros
Já desprezaram suas lavras
por causa desse dinheiro.

Nas danças do Batuque e do Marabaixo: corpos em movimentos...

Em muitas das vezes a expressão corporal dos dançantes são nítidos e acabam demonstrando o que eles têm vontade de ser sem falar, apenas dançando e se expressando corporalmente. Neste sentido Arroyo (2004, p. 1290) enfatiza que: “Os corpos nos trazem o outro como presença e como interrogação”

As celebrações, as danças em louvor aos santos católicos e que por tradição são festejados com muita fé e devoção, são também expressão da luta pela sobrevivência, dignidade e melhores condições de vida, pelas quais eles passam e seus antepassados passaram. A devoção a Santos são elemento de consolo e alegria por parte dos quilombolas é um alento para as dificuldades sofridas durante suas vidas. Este é o grande motivo de dançar é a expressividade dos corpos através das danças e músicas, a formação da consciência da sociedade, perfazendo a territorialidade do Marabaixo e do Batuque.

Os cânticos entoados por vários tempos no Marabaixo fazem uma alusão aos sofrimentos enfrentados por eles e seus antepassados longínquos sempre rememorados e as vezes é expressado no Batuque de forma lúdica com seu irmão quilombola através de pequenos causos, acontecimentos realizados naquela comunidade.

Estar presente a cada ano nos festejos do Marabaixo e do Batuque é demonstrar que mesmo enfrentando tantos problemas ainda há motivos para se agradecer e celebrar os seus santos, como diz Josefa, “são comemorados os festejos de alguns santos como eles: no Curiaú de fora a Santa Maria e São Joaquim e no Curiaú de Dentro são: Santo Antônio, São Sebastião e São Lázaro, é por eles que dançamos”⁵⁶. Esse é um dos motivos da dança, dançam para celebrar a sua liberdade.

Pode ser verificado nessa expressão cultural um efeito oposto desta relação de poder. A população quilombola através de sua corporeidade promove uma das mais belas festas culturais do Estado do Amapá, e esta corporeidade é um instrumento do qual as pessoas negras quilombolas se utilizam para manter sua cultura, que por sua vez, está relacionada com os regulamentos da sociedade, mesmo que em geral não reconhece os modos de vida dessa população. Claval (2001, p. 63) entende cultura como:

⁵⁶ Josefa, entrevista em 12/05/2012

[...] a soma dos comportamentos, dos saberes, das técnicas, dos conhecimentos e dos valores acumulados pelos indivíduos durante suas vidas e, em outra escala, pelo conjunto dos grupos de que fazem parte. A cultura é herança transmitida de uma geração a outra. Ela tem suas raízes num passado longínquo, que mergulha no território onde seus mortos são enterrados e onde seus deuses se manifestaram. [...]. A cultura transforma-se, também, sob o efeito das iniciativas ou das inovações que florescem no seu seio.

Neste sentido, podemos falar em territórios quilombola, apropriados pela corporeidade negra. No Marabaixo e no Batuque observamos um território que é demarcado através da corporeidade que compreende não somente o corpo em movimento, mas todas as suas expressões como as danças, as músicas, os ritmos, os sons, os olhares, os toques, os convites, as recusas. Este território se expressa através de uma territorialidade visto que “qualquer projeto no espaço que é expresso por uma representação revela a imagem desejada de um território, de um local de relações” (RAFFESTIN, 1993, p. 144).

Assim, vai se configurando uma festa onde a comunidade dança suas alegrias, tristezas, seus sonhos, suas esperanças enfim, dança sua cultura viva...

Considerações provisórias

Após relevantes avanços na história da população quilombola brasileiros ainda materializa desigualdades entre negros e brancos marcada principalmente por preconceitos e ideários racistas que perpassam por todas as instâncias da sociedade. É papel do intelectual se contrapor a esta ideologia racista “ser intelectual é exercer diariamente rebeldia contra conceitos assentados, tornados respeitáveis mais falsos” (SANTOS 1997), para que assim possamos realmente pensar em uma sociedade mais similar.

Para a população negra quilombola teve algumas vitórias conquistadas, no campo jurídico e em reconhecimento cultural, especificamente em Macapá, mas isso é pouco se considerarmos toda sua história. Como afirma Santos (2002 p. 156): “Faltam muitas coisas para ultrapassar o palavrório retórico e os gestos cerimoniais e alcançar uma ação política consequente. Ou os negros deverão esperar mais outro século para obter o direito a uma participação plena na vida nacional?”.

Na cidade de Macapá o Marabaixo e o Batuque se apresentam não somente como uma festa religiosa, mas também como uma manifestação de cultura negra, na qual se tem estabelecido relações de poder, entre os diversos componentes representado na festa como os festeiros, pesquisadores e a igreja.

A corporeidade dos quilombolas do Marabaixo e o Batuque são expressos através de uma territorialidade, a qual produz um processo de identificação com este território. A identidade territorial dos sujeitos das danças envolvidas se dá frente ao processo histórico, com mais de um século. O Marabaixo e o Batuque são hoje as maiores manifestação da cultura negra no Estado do Amapá.

Da mesma forma os integrantes dessas danças sabem que são discriminados e vítimas de racismo e que têm um poderoso instrumento para lutar contra isto. Por ter parte da população voltada para si durante o período da festa, estes a utilizam também para que, por meio da festa e mais especificamente da música e da dança, alcancem um maior número de pessoas. Fazer o Marabaixo e o Batuque é um ato de resistência, uma afirmação da existência e da liberdade corporal, de uma corporeidade negra territorializada que concebem o corpo em sua complexidade: ele não é visto apenas no seu aspecto físico.

O corpo é compreendido como um todo composto pelo movimento, sensibilidade, subjetividade, cultura, com sua história própria. Não há como conceber o corpo sem uma de suas principais características, o movimento. É a partir dele que apreendemos e interagimos com o mundo, incorporando-o através do corpo. Constatamos uma grande importância atribuída ao movimento, uma vez que este é fundamental para o desenvolvimento e a aprendizagem. Pois movimentando seu corpo ela vai investigar, sentir, experimentar, perceber o mundo a sua volta e, conseqüentemente, interagindo, poderá desenvolver suas aprendizagens. A pergunta é. Poderá a danças do Marabaixo e do Batuque, constituir-se em conteúdo escolar, sem perder suas propriedades culturais.

Através da dança, são desenvolvidas ações que estimulam e possibilitam a expressão Corporal, o autoconhecimento e o conhecimento do corpo, a disciplina, o espírito de grupo, as trocas culturais, de forma a construir uma nova ordem sociocultural, em que as crianças, adolescentes e adultos atendidas sejam respeitadas no seu processo de desenvolvimento.

As atividades como a dança, melhoram as compreensões e desempenhos relacionados à gestualidade de seus praticantes. Penso que seja o momento das escolas

se abrir e aprender educação com as comunidades quilombolas e a partir delas. Por que ignorar nas escolas, aquilo que é vivido intensamente na comunidade do Curiaú? As escolas podem ser o lugar para aprender a dança afro amapaense com qualidade, profundidade, compromisso, amplitude e responsabilidade. Com os conhecimentos dessa dança cultural trabalhados na educação física, a escola será sem dúvida, um lugar privilegiado para a discriminação, divulgação e valorização da cultura amapaense.

Através do ensino da dança afro amapaense podemos contribuir com os trabalhos já realizados por aqueles quilombolas como D. Esmeraldina, D. Chiquinha, D. Zefinha, seu Sebastião que com muitos esforços, dedicação, se destacam com projetos sociais que contribuem efetivamente nas comunidades. Incentivando também os mais novos como Giovana e Everton que fazem parte como voluntários em projetos.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, V. **Manual de História Oral**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.
- ARROYO, Miguel G. **Imagens quebradas: trajetórias e tempos de alunos e mestres**. Petrópolis: Vozes, 2004.
- BRASIL. **Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: Educação física / Secretaria de Educação Fundamental**. Brasília: MEC/SEF, 1997.96p.
- _____. **Lei Federal nº. 10.639/2003**. Institui a obrigatoriedade do ensino de História da África e da Cultura Afro-Brasileira. Brasília. 2003
- _____. Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial. Estatuto da Igualdade Racial. Brasília: SEPPIR/PR, 2010.
- BARTHES, Roland. **A Câmara Clara: nota sobre a fotografia**. Trad. Júlio Castañon. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- BREGOLATO, R. A. **Textos de Educação Física para a sala de aula**. 2ª. ed. Cascavel, Assoeste, 1994.
- BOSI, E. **O tempo vivido da memória: ensaio de psicologia social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- CANTO, Fernando. **A água benta e o diabo**. 2ª ed. Macapá: FUNDECAP, 1998.
- CLAVAL, Paul. **A geografia cultural**. Tradução de Luiz F. Pimenta e Margareth de C. A. Pimenta. 2. ed. Florianópolis: Ed. UFSC, 2001.
- COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do Ensino da Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

- CHAGAS, M. A. **Curiaú: Dossiê da Área de Proteção Ambiental: Macapá:** GEA/SEMA, 1997.
- DIEGUES, A. C. & ARRUDA, R. S. V. (Orgs.). **Saberes tradicionais e biodiversidade no Brasil.** Brasília: Ministério do Meio Ambiente; São Paulo: USP, 2001.
- DUARTE, J. B. A. (Orgs.) **Método e técnicas de pesquisa em comunicação.** São Paulo: Atlas, 2005.
- FACUNDES, F. S. & GIBSON, V. M. **Recursos naturais e diagnósticos ambiental da APA do Rio Curiaú – Macapá:** UNIFAP, 2000. (Trabalho de Conclusão de Curso). 58 p., 2000.
- FOSTER, E. L. S. **Racismo e movimentos instituídos na escola.** Tese (Doutorado em Educação) Rio de Janeiro, Universidade Federal Fluminense, 2004.
- FERREIRA, A. B. H. **Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa.** 3ª. ed. Curitiba: Editora Positivo, 2004.
- FERREIRA, A. J. **Formação de Professores. Raça/Etnia:** Reflexões e sugestões de materiais de ensino em português e Inglês. Cascavel, PR: Coluna do Saber, 2006.
- GARCIA, M.; PASQUIS, R. **Diagnóstico e zoneamento participativos: atelier Curralinho,** APA Curiaú. Macapá: SEMA, 2000. 25 p.
- GARCIA, A. & HASS, A. N. **Ritmo e dança. Ed. Canoas,** RS. Editora da ULBRA, 2003.
- GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais.** Rio de Janeiro: Record, 1997.
- GONÇALVES, C. W. P. **A invenção de novas geografias.** In: **Territórios.** Programa de pós-graduação em geografia. UFF/AGB. Niterói, 2002, p. 257-284.
- GONZALEZ, L. **Racismo e sexíssimo na cultura brasileira.** In: **Ciências sociais hoje.** ANPOCS (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais), 1984, p. 223-244.
- GOMES, F. S. (Org.) **Nas terras do cabo norte: fronteiras, colonização e escravidão na guiana brasileira – séculos XVIII/XIX.** Belém: Editora Universitária/UFPA, 1999.
- GOMES, P. C. C. **A condição urbana: ensaios de geopolítica da cidade.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** São Paulo: Atlas, 2009.

- KENSKI, V. A vivência escolar dos estágios e a prática da pesquisa em estágio supervisionado. In S. PICONIZ (Org.) A prática de ensino e o estágio supervisionado. Campinas, Papirus, 1991.
- MARQUES, I. A. **Dançando na escola** / Isabel A. Marques. 4^a. ed. São Paulo: Cortez, 2007.
- MELLO, A. C. **Metodologia de pesquisa**: livro didático. Palhoça (SC): Unisul Virtual, 2006.
- MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- MORIN, E. **O método III: o conhecimento do conhecimento**. Portugal: Publicações Europa-América, 1996.
- MOSCOVICI, S. **Representações Sociais**: Investigações em psicologia social. Petrópolis: Vozes, 2005.
- NANNI, D. **Dança-Educação**: pré-escola à universidade. Rio de Janeiro: 4^a ed. Sprint 2003.
- NEVES, J. L. **Pesquisa quantitativa, uso e possibilidade**. Disponível em <<http://www.ead.fea.usp.br/cad-pesquisa//c03-art06.pdf>>
- PEREIRA, N. **O sahiré e o marabaixo**: Tradições da Amazônia. Contribuição ao Primeiro Encontro Brasileiro de Folclore. 1951.
- QUINTELA, E. **Marabaixo**. *Tipiti*. Macapá, 22 de abril de 1992.
- RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder** . Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística). Universidade Federal de Goiás, Goiânia, Ática, 1993.
- RATTS, A. J. P. **As etnias e os outros**: as espacialidades dos encontros/confrontos. **Espaço e cultura**, Rio de Janeiro, nº 17-18, jan/dez.2004, p. 77-88.
- SILVA, R. B. L e. **A etnobotânica de plantas medicinais da comunidade quilombola de Curiaú, Macapá-AP, Brasil**. 2002. 172 p. Dissertação (Mestrado em Agronomia) – Universidade Federal Rural da Amazônia, Belém 2002.
- SANTOS, M. **As exclusões da globalização**: pobres e negros. In: FERREIRA, A. M. (Org.). **Na própria pele**: os negros no Rio Grande do Sul. Porto Alegre, CORAG/Secretaria de estado da Cultura, 2000.
- _____. **Ser negro no Brasil hoje**. In: **O país distorcido**: o Brasil, a globalização e a cidadania. São Paulo: Publifolha, 2002.

_____. **Ser intelectual na era da globalização.** Conferência na cerimônia de outorga do título de Professor Emérito da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. São Paulo, 1997.

SANTOS, F. R. **História do Amapá.** 4ª ed. Macapá: VALCAN, 1998.

SOUZA, M. M. **África e Brasil africano.** 2ª ed. São Paulo: Ática, 2008.

FOTOGRAFIA: Francisco Marlon da Silva Gomes (autor).

Resumo dos autores

* Mestrando de Educação Física, pelo curso de Mestrado em Educação Física da Universidade Federal de Pelotas. E-mail para contato: marlonmacapa@hotmail.com

** Orientador, Doutor em Educação e docente da Escola Superior de Educação Física e Faculdade de Educação/UFPel. E-mail: bonorinosul@gmail.com

ANEXOS

ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
CURSO DE PÓS - GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA
DISSERTAÇÃO DE MESTRADO
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pesquisador responsável: Márcio Xavier Bonorino Figueiredo
Instituição: Universidade Federal de Pelotas/ Escola Superior de Educação Física
Email: bonorino.sul@gmail.com
Telefone: 53 91384711

Pesquisador aluno: Francisco Marlon da Silva Gomes
Instituição: Universidade Federal de Pelotas/ Escola Superior de Educação Física
Endereço: Av. Desidério Antonio Coelho, 839 - Trem. Macapá– AP.
Telefone: 96 – 81273258 / 91426007
Email: marlonmacapa@hotmail.com

Concordo em participar do estudo **MEMÓRIAS DO MARABAIXO: cultura quilombola e corporeidade na comunidade do Curiaú em Macapá-AP** .
Estou ciente de que estou sendo convidado a participar voluntariamente do mesmo.

PROCEDIMENTOS: Fui informado de que os objetivos serão:

a) compreender qual o significado da dança do “Marabaixo” na memória dos moradores velhos da Comunidade do Quilombo do Curiaú;

b) investigar que valores, sociais, culturais são atribuídos à dança do “Marabaixo” nas memórias de crianças, jovens e velhos da Comunidade quilombola do Curiaú.

RISCOS E POSSÍVEIS REAÇÕES: Fui informado de que não existem riscos no estudo.

BENEFÍCIOS: O benefício de participar na pesquisa relaciona-se ao fato que os resultados serão incorporados ao conhecimento científico e posteriormente a situações de ensino-aprendizagem.

PARTICIPAÇÃO VOLUNTÁRIA: Como já me foi dito, minha participação neste estudo será voluntária e poderei interrompê-la a qualquer momento.

DESPESAS: Eu não terei que pagar por nenhum dos procedimentos, nem receberei compensações financeiras.

CONFIDENCIALIDADE: Estou ciente que a minha identidade permanecerá confidencial durante todas as etapas do estudo.

CONSENTIMENTO: Recebi claras explicações sobre o estudo, todas registradas neste formulário de consentimento. Os investigadores do estudo responderam e responderão, em qualquer etapa do estudo, a todas as minhas perguntas, até a minha completa satisfação. Portanto, estou de acordo em participar do estudo. Este Formulário de Consentimento Pré-Informado será assinado por mim e arquivado na instituição responsável pela pesquisa.

Nome do participante/representante legal: _____

Identidade: _____

ASSINATURA: _____ DATA: ____ / ____ / ____

DECLARAÇÃO DE RESPONSABILIDADE DO INVESTIGADOR:

Expliquei a natureza, objetivos, riscos e benefícios deste estudo. Coloquei-me à disposição para perguntas e as respondi em sua totalidade. O participante compreendeu minha explicação e aceitou, sem imposições, assinar este consentimento. Tenho como compromisso utilizar os dados e o material coletado para a publicação de relatórios e artigos científicos referentes a essa pesquisa. Se o participante tiver alguma consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa, pode entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da ESEF/UFPel – Rua Luís de Camões, 625 – CEP: 96055-630 - Pelotas/RS; Telefone:(53)3273-2752.

ASSINATURA DO PESQUISADOR RESPONSÁVEL:

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA
PÓS - GRADUAÇÃO - CURSO DE MESTRADO



OFÍCIO DE SOLICITAÇÃO

Por meio deste, solicito ao comitê de ética da faculdade de Educação Física a apreciação do projeto de pesquisa intitulado: **MEMÓRIAS DO MARABAIXO: cultura quilombola e corporeidade na comunidade do Curiaú em Macapá-AP**. O projeto de pesquisa para fins de dissertação de mestrado está sendo realizado pela aluno mestrando **Francisco Marlon da Silva Gomes**, matrícula 11099024, e-mail: marlonmacapa@hotmail.com e “Endereço para acessar este CV: <http://lattes.cnpq.br/394407542564217>. Sob a orientação do professor **Dr. Márcio Xavier Bonorino Figueiredo**, ambos vinculados a Escola Superior de Educação Física (ESEF) da Universidade Federal de Pelotas (UFPel).

Pelotas-RS, 03 de novembro de 2011.

Mestrando **Francisco Marlon da Silva Gomes**

CARTA DE ANUÊNCIA

Aceito que o estudante pesquisador **Francisco Marlon da Silva Gomes** do curso de Mestrado em Educação Física da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) desenvolva sua pesquisa intitulada: **MEMÓRIAS DO MARABAIXO: cultura quilombola e corporeidade na comunidade do Curiaú em Macapá-AP**, sob a orientação do professor **Dr. Márcio Xavier Bonorino Figueiredo**.

Estou ciente dos objetivos e metodologia da pesquisa acima citados, e que serão assegurados:

- a) A garantia de solicitar e receber esclarecimentos antes, durante e depois do desenvolvimento da pesquisa;
- b) Não haverá nenhuma despesa para esta instituição que seja decorrente da participação nessa pesquisa;
- c) No caso do não cumprimento dos itens acima, há liberdade de retirar minha anuência a qualquer momento da pesquisa sem penalização alguma.

Assim declaro ter lido e concordado com o parecer ético emitido pelo CEP da instituição proponente, conhecer e cumprir as Resoluções Éticas Brasileiras, em especial a Resolução CNS 196/96. Esta instituição está ciente de suas co-responsabilidades como instituição co-participante do presente objeto de pesquisa, e do seu compromisso no resguardo da segurança e bem-estar dos sujeitos de pesquisa nela recrutados, dispondo de infra-estrutura necessária para tal segurança e bem-estar.

Macapá-AP, 30 Outubro de 2011.

Assinatura e carimbo do responsável institucional pela Presidência da
Associação da Comunidade Quilombola do Curiaú



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
CURSO DE PÓS - GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA
DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

TERMO DE CESSÃO DE DIREITOS DO USO DA IMAGEM

Pesquisador responsável: Márcio Xavier Bonorino Figueiredo
Instituição: Universidade Federal de Pelotas/ Escola Superior de Educação Física
Email: bonorino.sul@gmail.com
Telefone: 53 91384711

Pesquisador aluno: Francisco Marlon da Silva Gomes
Instituição: Universidade Federal de Pelotas/ Escola Superior de Educação Física
Endereço: Av. Desidério Antonio Coelho, 839 - Trem. Macapá- AP.
Telefone: 96 - 81273258
Email: marlonmacapa@hotmail.com

Pelo presente documento, eu, _____,

RG _____, residente na cidade de Macapá-AP, estou ciente de pleno acordo e autorizo a publicação da minha imagem, em trabalhos acadêmicos. A utilização das imagens foi permitida ao Francisco Marlon da Silva Gomes, RG 224563-AP, aluno do curso de mestrado, para o trabalho de dissertação: **MEMÓRIAS DO MARABAIXO: cultura quilombola e corporeidade na comunidade do Curiaú em Macapá-AP**. O estudo faz parte do programa de pós - graduação em Educação Física da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), na Escola Superior de Educação Física (ESEF). Fica conseqüentemente autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, as mencionadas imagens, com a única ressalva de sua integridade e indicação da fonte e autor.

Pelotas, 30 de outubro de 2011.

Assinatura do Concedente.

Texto da minha vida

Eu gosto de jogar de vôlei e de futebol mas meu jogo preferido é o futebol. Uma vez eu e meus amigos estávamos jogando futebol e um colega se machucou, ele desmanchou o dedo do pé e o pai dele levou o dedo dele e ele voltou a andar normal, mas mesmo assim eu não parei de jogar bola. Também jogamos futebol, mas quero ganhar uma bola de basquetebol.

Renato Almeida 5ª Série



Curiaú

*© Curiaú é tão linda é bela,
Com sua natureza tão natural
e as meninas dançando o Maranhão
naquele ritmo não descendo até em baixo.
© Curiaú tu é cheia de beleza,
é também cheia de elegância.
Esse Curiaú é muito especial.
Herança de um povo tradicional.*

Alana Jonizani



A mandioca

*"Tem uma coisa muito ótima na mandioca é tirar o tucupi e fazer a farinha e goma.
Quando tiramos ela, colocamos na saca e levamos para ser descascada, depois cortamos ela em pedaços para salar e ser colocada no tipiti, a massa tiramos e levamos para a fôrma para fazer a farinha".*

Amanda Maria das Graças 6ª série 621



Na Curiaú tem

*Na Curiaú tem tradições de Maranhão,
Na Curiaú tem um povo que é muito religioso.
Na Curiaú tem gente que é doente.
Na Curiaú tem muitas lagoas para segurar de muita paz sem natural.
Na Curiaú tem muito verde e aqui ali.
Na Curiaú tem tanta coisa que se parece para ser feliz.
Na Curiaú tem tanta coisa que se parece para ser feliz.
tem a área do posto, educação e lazer.
Na Curiaú tem Colúcio que é o local principal de um Colúcio.
Na Curiaú tem a Maranhão e o Natal, e o grande agente nos comemoramos.
Porque, não como, a festa do Maranhão e o Natal.
Alana, Maria da Paz e do Natal.
Curiaú 721 7ª Série*









